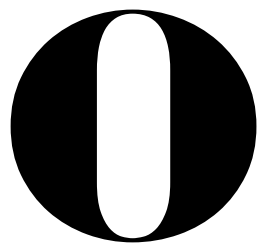


SUPLEMENTO



Belo Horizonte, Março/Abril 2017
Edição nº 1.371
Secretaria de Estado de Cultura



O escritor cubano Leonardo Padura, que se tornou mundialmente conhecido a partir da publicação de seu romance *O Homem que Amava os Cachorros*, abre esta edição concedendo entrevista exclusiva ao **Suplemento Literário de Minas Gerais**, na qual discorre sobre sua carreira e a vida em sua Havana natal. Outra capital, a nossa Belo Horizonte, tem a história de sua adolescência examinada por Beatriz de Almeida Magalhães através de romances que a tiveram como cenário nos seus primeiros trinta e poucos anos de vida. Além desses, apresentamos os ensaios de Viviana Bosi sobre a poesia de Eucanaã Ferraz, do argentino Miguel Koleff sobre o conto do gaúcho Sergio Faraco e de Eloésio Paulo sobre o paulista Antônio de Alcântara Machado.

A prosa está presente nos contos de Edgard Pereira, Marcela Dantés, Rosângela Maluf e Patricia Maês, e a poesia em poemas de Ronald Claver, Antonio Risério, Nathalia Campos e da italiana Sofia Fiorini, traduzida por Prisca Agustoni.

A capa é de Antonio Costa Dias.

SUPLEMENTO



Capa: Antônio Costa Dias

Governador do Estado de Minas Gerais
Secretário de Estado de Cultura
Secretário Adjunto de Estado de Cultura
Subsecretário de Imprensa Oficial da Secretaria de Estado
de Casa Civil e Relações Institucionais
Superintendente de Bibliotecas Públicas e Suplemento Literário

Fernando Damata Pimentel
Angelo Oswaldo de Araújo Santos
João Batista Miguel
Tancredo Antônio Nunes

Lucas Guimaraens

Suplemento Literário

Diretor
Coordenador de Apoio Técnico
Coordenador de Promoção e Articulação Literária
Projeto Gráfico
Escritório de Design
Diagramação
Conselho Editorial

Jaime Prado Gouvêa
Marcelo Miranda
João Pombo Barile
Plínio Fernandes
Gíria Design e Comunicação
Carolina Lentz - Gíria Design e Comunicação
Humberto Werneck, Sebastião Nunes, Eneida Maria de Souza,
Carlos Wolney Soares, Fabrício Marques
Elizabeth Neves, Flávia Souza, Ana Maria Leite Pereira,
Jaeder Gomes (estagiário)

Jornalista Responsável
ISSN: 0102-065x

Marcelo Miranda – JP 66716 MG

Textos assinados são de responsabilidade dos autores
Acesse o Suplemento online: www.cultura.mg.gov.br

O SUPLEMENTO é
impresso nas oficinas da
Imprensa Oficial do Estado
de Minas Gerais

Suplemento Literário de Minas Gerais
Praça da Liberdade, 21 – Biblioteca Pública – 3º andar
CEP: 30140-010 – Belo Horizonte, MG – 31 3269 1143
suplemento@cultura.mg.gov.br



LEONARDO PADURA

O HOMEM QUE VEIO DE CUBA

ENTREVISTA A MARCELO MIRANDA

Leonardo Padura nasceu em Havana em 1955, quatro anos antes de estourar a Revolução Cubana que colocou Fidel Castro no poder. Ele é, portanto, filho desse período efervescente e complexo na história do país. Estudioso da literatura latino-americana e jornalista de vasta carreira, Padura enveredou na escrita ficcional em 1988, com o pouco conhecido *Fiebre de Caballos*. Em 1991, publicou *Passado Perfeito*, o primeiro de uma série de quatro novelas policiais que o tornaram popular e eternizaram a figura do investigador Mario Conde.

Dali adiante, Padura se dividiu entre o exercício do jornalismo – notabilizando-se por amplas reportagens investigativas – e a prática da literatura, escrevendo diversos livros ao longo dos anos 1990 e 2000. Ele se tornou um surpreendente best-seller internacional com *O Homem que Amava os Cachorros*. Publicado em 2009 e traduzido para países como Espanha, Cuba, Argentina, Portugal, França, Inglaterra, Brasil e Alemanha, o livro mergulha numa profunda e envolvente trama sobre a relação entre o líder comunista Leon Trotski e seu assassino, o misterioso Ramon Mercader. Seu livro mais recente a chegar ao Brasil é *Hereges* (2013), também um grande sucesso de vendas.

No final de 2016, a Boitempo Editorial lançou a caixa *Estações Havana*, reunindo os quatro primeiros livros policiais de Padura: *Passado Perfeito*, *Ventos de Quaresma* (1994), *Máscaras* (1997) e *Paisagem de Outono* (1998) – este último permanecia inédito por aqui. Quase ao mesmo tempo, estreou na Netflix uma minissérie adaptando a mesma tetralogia de Mario Conde, com o ator cubano Jorge Perugorria no papel principal e roteiro de Padura e de sua companheira, Lucía Coll. De Cuba, por e-mail, o escritor respondeu a algumas perguntas enviadas pelo Suplemento Literário de Minas Gerais. Confira a seguir.

A “tetralogia das quatro estações”, composta por quatro romances policiais protagonizados pelo investigador Mario Conde, foi lançada no Brasil em novas edições (*Paisagem de Outono*, o quarto volume,

Minha vida em Havana afeta tudo o que escrevo, desde os romances até o jornalismo, pois é minha experiência vital única, uma vez que sempre vivi em Havana, no mesmo bairro, na mesma casa. Isso permite que eu entenda tudo o que é possível entender sobre a realidade cubana desses anos.

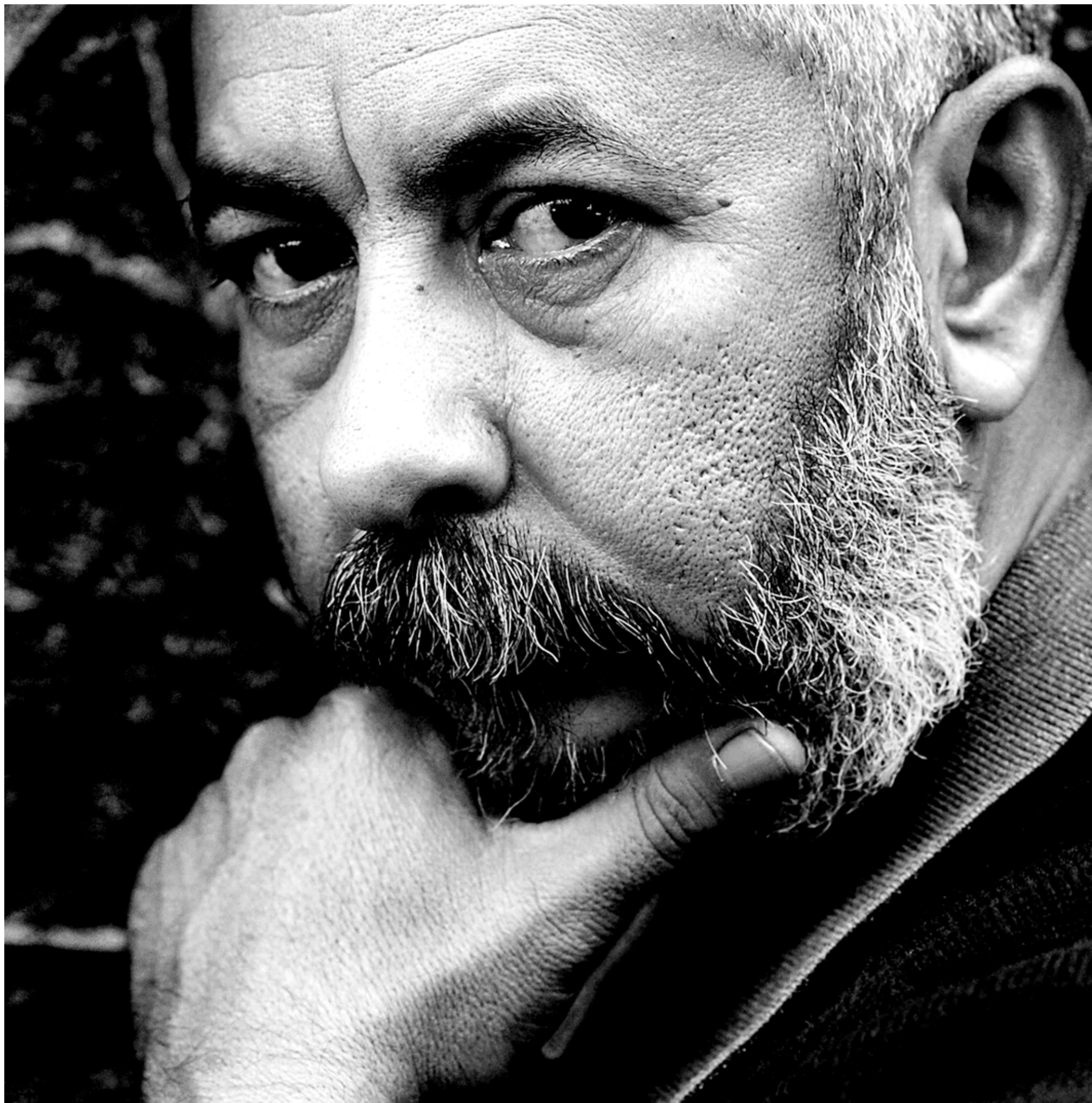
até então estava inédito no país). Olhando em retrospecto, tantos anos depois de cada livro ter sido escrito, como o senhor pensa essa quadri-logia? Em que medida ela foi importante para o seu desenvolvimento como escritor e para uma compreensão mais ampla da sociedade cubana e de suas relações e contradições internas?

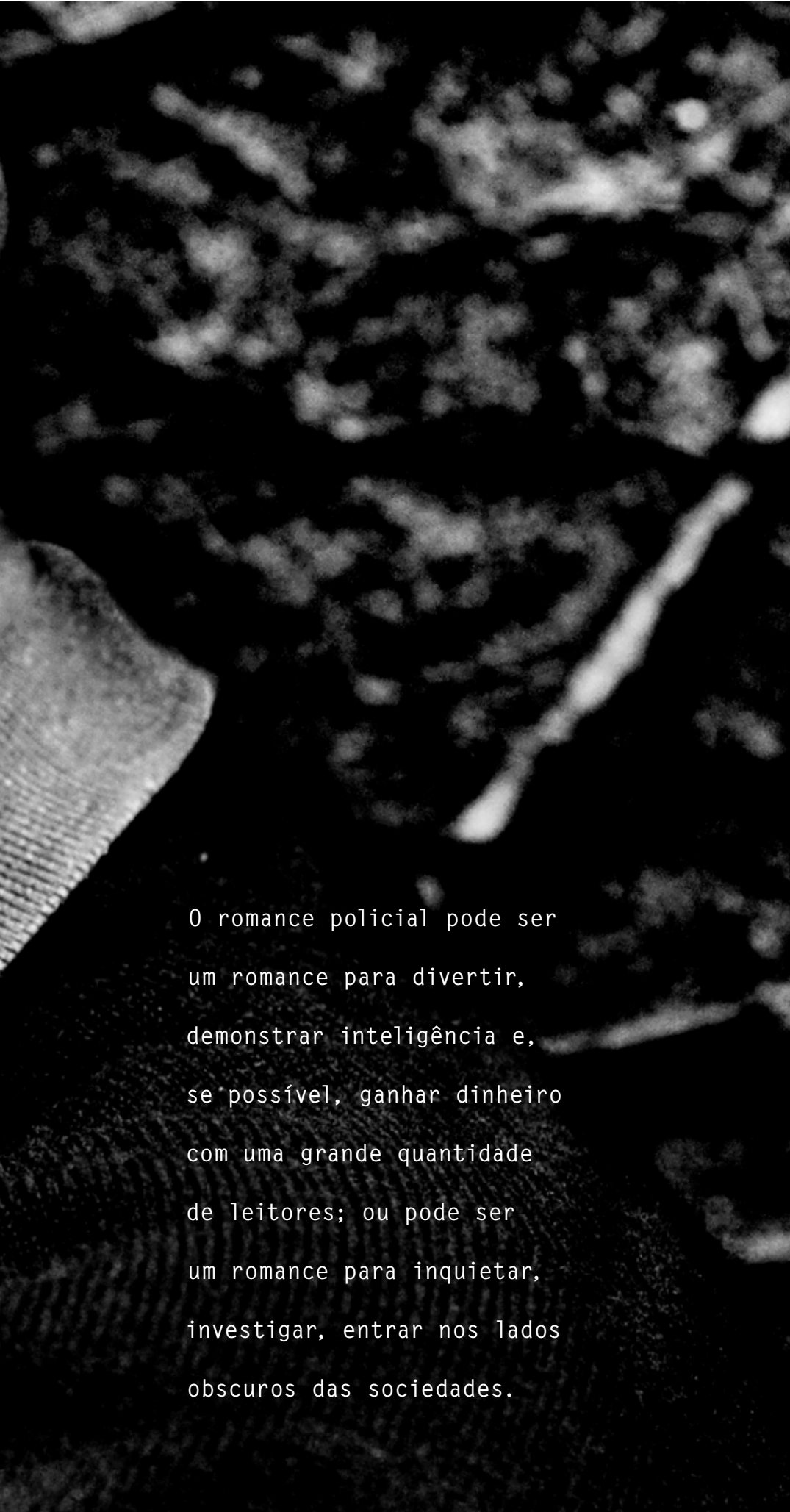
Esta série de quatro romances foi fundamental em minha vida como escritor. Com ela, passei de um jovem escritor cheio de especulações sobre tudo a um escritor com maior domínio de minhas habilidades, chegando inclusive a me tornar um escritor profissional desde 1996, publicando por editoras fora do circuito cubano e sendo contemplado com vários prêmios internacionais. Com relação à realidade cubana, a série lançou uma pergunta, quase jornalística, sobre os conflitos de uma sociedade que sofreu enormes mudanças com o desaparecimento da União Soviética em 1991, mesmo ano em que publiquei *Passado Perfeito* (*Pasado Perfecto*), o primeiro livro da série. Acredito que eu tenha podido fazer essa pergunta, porque encontrei um personagem (Mario Conde), um gênero (o suspense) e um estilo que

me permitiu fazer literatura e, ao mesmo tempo, uma investigação social sem preconceitos e, por vezes, crítica e em cujas atividades artísticas me permitiam construir algo a que eu poderia chamar de “um estilo”. Tudo isso.

O quanto Mario Conde é, de fato, um alter ego do escritor Leonardo Padura? Como a sua vivência em Havana afetou as situações retratadas em cada um dos quatro livros?

Mario Conde é um personagem com sua própria história e sua própria vida que, eventualmente, se parece com a minha, pois vivemos na mesma época e no mesmo país e temos muitas experiências afins. Mas ele tem sua identidade própria. E minha vida em Havana afeta tudo o que escrevo, desde os romances até o jornalismo, pois é minha experiência vital única, uma vez que sempre vivi em Havana, no mesmo bairro, na mesma casa... E isso permite que eu entenda tudo o que é possível entender sobre a realidade cubana desses anos.





O romance policial pode ser um romance para divertir, demonstrar inteligência e, se possível, ganhar dinheiro com uma grande quantidade de leitores; ou pode ser um romance para inquietar, investigar, entrar nos lados obscuros das sociedades.

Mario Conde retornou em outros romances, quase sempre de maneira mais tangencial e menos relacionado ao mundo da polícia. Você vê diferenças entre o Mario Conde da “tetralogia” e o Conde que apareceu em romances como *Adeus, Hemingway* (2001) e *Hereges* (2013)?

O Mario Conde posterior à série é o mesmo, mas com outra função: agora já não é mais o policial, mas um comprador e vendedor de livros velhos. Ainda que realmente não seja o mesmo, nele vem sendo produzida uma evolução que é lógica em qualquer ser humano, na medida em que envelhece e que sua sociedade muda muitos de seus códigos, obrigando-o a se “reciclar”. Então, Mario Conde não está somente mais velho, mas mais nostálgico e provavelmente mais pessimista, já que muitas coisas ao seu redor lhe trazem esse sentimento de perda, de derrota.

Os romances com Conde têm muita influência de autores policiais como Dashiell Hammett (1864-1961) e Raymond Chandler (1888-1959), mais ligados à tradição do “pulp” e da violência urbana, relativamente distantes de ícones da dedução e do raciocínio como os detetives Auguste Dupin, Sherlock Holmes e Hercule Poirot. Como era sua “dieta literária” de livros policiais que te levaram a construir uma figura como Mario Conde e os tipos de trama nos quais ele se envolve nas *Quatro Estações*?

Claro, preferia o “suspense” ao “mistério” e lia – e leio – Hammett e Chandler mais do que Agatha Christie. Mas houve outros autores que também me indicaram o caminho possível a ser seguido, alguns deles são grandes escritores, como Leonardo Sciacia, Rubem Fonseca e Manuel Vázquez Montalbán que utilizaram o gênero policial como instrumento de escrita de um romance social, que é o eu pretendia fazer... E o que fiz, de fato.

O escritor argentino Ricardo Piglia (1941-2017) tinha pensamentos sobre a literatura policial muito semelhantes aos seus, assim como o islandês Arnaldur Indridason (a quem o senhor já elogiou publicamente). Disse Indridason: “Romances policiais oferecem uma excelente maneira de se examinar todos os aspectos das sociedades”. O escocês Ian Rankin disse algo parecido: “O que os escritores de policiais podem fazer é explorar não só as razões e as consequências dos crimes, mas também o que esses crimes podem nos dizer sobre a realidade em que vivemos”. Qual o sentido do romance policial no século 21? E quais autores (do passado e do presente) te mobilizam neste gênero e por quê?

Creio que o romance policial pode resultar nas duas mesmas coisas em que resultou nos últimos 150 anos. Pode ser um romance para divertir, demonstrar inteligência e, se possível, ganhar dinheiro com uma grande quantidade de leitores; ou pode ser um romance para inquietar, investigar, entrar nos lados obscuros das sociedades. Hammett e Chandler abriram esse caminho, e hoje muitos de nós os seguimos, e inclusive os mencionados por você, mas há também outros, como o recém-falecido Henning Mankell (1948-2015), um crítico mordaz da sociedade sueca, ou Petros Markaris, um analista da atualidade grega por meio

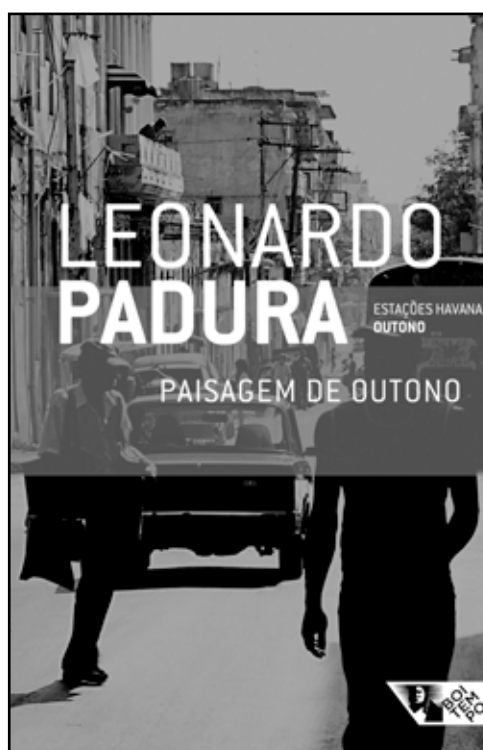
do romance policial, ou um Paco Ignacio Taibo II, que apresenta uma imagem dura e combativa do México em seus relatos policiais.

Em *Hereges* e *O Homem que Amava os Cachorros* (2009), o senhor se afasta da forma do romance policial e se dedica ao romance histórico, a partir de acontecimentos muito específicos que são narrados ao seu modo, com a sua liberdade. Em entrevistas, porém, o senhor já disse que este seria seu livro mais semelhante ao gênero policial, apesar da série com Mario Conde. Como é que isso se dá?

Eu também tenho um romance, o romance da minha vida, que também se move em territórios da história, mas em todos esses romances sempre há um elemento de intriga, de estrutura dramática que cria um suspense parecido – ou igual – o do romance policial. Eu uso esses recursos em *O Homem que Amava os Cachorros* porque é um romance sobre um crime, mas com a dificuldade de que, antes mesmo que o comecemos a ler, já saibamos quem é o assassino e quem é a vítima. Então tive de fazer uma jogada criativa muito especial para que o leitor não me abandonasse. E, por conta disso, criei uma estrutura de linhas que se aproximam e se afastam, de tempos narrativos mais rápidos a tempos narrativos mais lentos, entregando a informação ao leitor, de modo que ele não perca o interesse. O fato de escrever romances policiais me ajudou bastante com esses procedimentos.

***O Homem que Amava os Cachorros* se tornou o seu maior sucesso e um *best seller* num mundo onde os *best sellers* são quase sempre livros descartáveis e de leitura ligeira. De repente, seu livro estava no topo das vendas, com uma narrativa sofisticada, de pesquisa histórica e falando sobre personagens controversos de passado nebuloso. Olhando hoje com alguma distância do tempo, o que o senhor acha que fagor tantos leitores? O que detecta de mais atraente neste livro?**

Creio que ao redor desse romance convergiram muitas condições. A primeira deve ter sido a forma como que a história está escrita, o estilo, a narrativa, que criaram uma conexão entre os leitores dos mais diversos. Também o fato de que a história viaja meio mundo, mas parte e volta a Cuba, um país ainda socialista onde se praticam determinados métodos stalinistas e onde ainda se exerce controle sobre a cultura, a imprensa e o debate que foram patenteados pelo modelo de Stalin. Somado a



isso, o fato de que as figuras centrais são Trotski – perdedor em seu momento – e Ramón Mercader, o assassino stalinista quase desconhecido. Mas a chave de tudo se deveu provavelmente ao tema da subversão da grande utopia do século 20 e às lições que esse processo nos deixou sobre a crença de que é necessário e possível um mundo melhor. O romance, para muitos, é uma demonstração do quanto caro se paga pelos erros e a necessidade de se aprender com eles, caso realmente queiramos ter essa sociedade dos iguais a que Stalin subverteu com suas ações e ideias, promovendo assassinatos como o de Trotski e de outros 20 milhões mais de pessoas.

Qual foi a fagulha para o desenvolvimento de *O Homem que Amava os Cachorros*? O senhor já era um pesquisador de Leon Trotski (1879-1940)? Como se deu a definição por narrar o processo de sua morte e como era o trabalho de pesquisa? Em que medida a história da Revolução Russa se relaciona à história de Cuba na maneira como o senhor a apresenta?

Quando comecei a investigar para escrever o romance, eu tinha um conhecimento muito superficial da figura de Trotski e da própria Revolução Russa ou da Guerra Civil Espanhola. Aqui em Cuba, a informação que existia era muito limitada e, por assim dizer, muito “soviética”. Além disso, a partir dos anos 1990, com a abertura dos arquivos de Moscou, muitos processos que estavam conectados ou eram cruciais ao que eu queria escrever foram revisados ou completamente reescritos com uma nova informação. Isso exigiu que eu realizasse uma busca e a leitura de textos muito diversos, bem como uma investigação muito pro-

funda, a que me dediquei intensamente durante dois anos antes de poder escrever a primeira linha do romance. Durante os três anos de escrita, continuei investigando, pois cada conhecimento ou descoberta me obrigava a uma nova pesquisa. Tudo isso com a dificuldade enorme de essa bibliografia, toda a informação, estar fora de Cuba e ter de lê-la ou trazê-la em livros.

O senhor assistiu a *O Assassinato de Trotski*, filme de 1972 do diretor norte-americano Joseph Losey, com Richard Burton no papel-título e Alain Delon como o assassino?

Sim, vi o filme e me pareceu legítimo. Salvo o fato de que, em 1972, a informação possível sobre a figura de Ramón Mercader era mínima. Apenas sabiam seu nome e o que ele fez como assassino aos mandos de

Stalin, sendo impossível problematizá-lo como personagem central da história.

Tanto *O Homem que Amava os Cachorros* quanto *Hereges* são romances formados a partir de um grande mosaico de personagens e acontecimentos, grandes quebra-cabeças montados aos poucos até o desenlace, fragmentos que se conectam para chegar ao essencial do que o senhor narra. Desenvolver esses painéis é muito mais difícil do que descortinar tramas contidas e diretas como as histórias das *Quatro Estações* e de *O rabo da serpente* (1998)?

Claro, é muito mais complicado, pois são romances que não são elaborados pelo acúmulo de acontecimentos (como os lineares), mas por adição (com várias histórias), e o exercício consiste em um trabalho muito cuidadoso com a estrutura e de saber entregar ao leitor a informação que o conduza não apenas ao conhecimento dos eventos, mas também a uma conclusão mais filosófica, por assim dizer. Em um, a subversão da utopia por obra de Stalin; no outro, as dificuldades do exercício da liberdade do indivíduo. Mas sempre, nestes ou naqueles romances, considero que o grande objetivo, o que está acima de tudo, é um olhar a Cuba em que eu vivo.

A literatura passa por uma crise? Se sim, que tipo de crise o senhor detecta? O que ainda te move a continuar criando e escrevendo no mundo de hoje?

Penso que há uma crise, especialmente, na leitura. Hoje se lê menos. E essa crise desencadeou a existência de muita literatura com caráter superficial, comercial. Mas a boa literatura ainda continua a ser escrita e, apesar de tudo, continua sendo lida... No meu caso, tive muita sorte com o fato de que os meus livros, ainda que com a complexidade de sua estrutura, linguagem e argumentos, tiveram uma quantidade significativa de leitores, o que demonstrou que sim, há pessoas que leem. E para elas eu escrevo. E escrevo, e continuarei escrevendo, porque vivo de literatura, mas, sobretudo, vivo para a literatura: é meu trabalho e minha vida, minha forma de me conectar ao mundo.

Cuba, país complexo e multifacetado, sempre se torna pauta nas entrevistas com o senhor. A impressão, às vezes, é de que os jornalistas querem que o senhor explique o passado de Cuba e o futuro do país, talvez porque o senhor é um dos poucos artistas cubanos que expressa com tanta clareza e liberdade as suas próprias ideias. Ao mesmo tempo, é perceptível, de sua parte, certo desconforto (ou talvez descontentamento) em sempre ser questionado sobre Cuba, às vezes mais do que sobre literatura, gerando o desabafo sobre “o estado de calamidade de um jornalismo (ou será o de apenas alguns jornalistas?) que toma os escritores por adivinhos e procura resolver sua missão do modo mais pedestre” (*Folha de S.Paulo*, 31/12/2016). Como o senhor pensa a imensa curiosidade em torno de Cuba e como enxerga o seu papel de intelectual cubano num mundo que tanto exige respostas?

É uma situação muito delicada, pois não gosto de falar de política, mas ela está presente em tudo o que acontece em Cuba, um país em que o Estado, o governo e o Partido são uma mesma entidade. Assim, se você falar que o governo é displicente com a coleta de lixo, estará falando do Estado, do partido, da nação! Por outro lado, a curiosidade que existe sobre Cuba é justificada, pois Cuba foi um país envolvido em muitos processos na América Latina e no mundo, sua importância é indiscutível e seu futuro desperta expectativas. E tudo isso fica mais complicado na tentativa de dar uma resposta sincera, equilibrada, justa, pois, no fim das contas, não se agradará a todos com tanta justiça, recorrendo aos extremos, que estão muitas vezes em suas mentes: o inferno socialista ou o paraíso comunista. É difícil, isso eu te garanto.

Vou te fazer uma pergunta que não é sobre o passado nem sobre o futuro, e sim sobre o presente: como está sendo Cuba depois da morte de Fidel?

Mais ou menos igual. Desde 2008, Fidel conservou seu viés simbólico, sua autoridade, mas não decidia sobre as políticas práticas do país que estava ao cargo de Raúl, que, por sua vez, introduziu várias mudanças não antes feitas por Fidel.

A Netflix colocou em seu acervo *Quatro Estações em Havana*, minissérie da produtora espanhola Tornasol que adapta seus primeiros livros com Mario Conde. Os episódios foram roteirizados por você e por Lucía López Coll. Como foi o trabalho de transfigurar os romances para roteiros de episódios de 90 minutos – este que foi, segundo suas palavras numa coluna, “possivelmente a coisa mais complicada” que já enfrentou na vida? Quais as maiores dificuldades e as surpresas no caminho? Gostou da experiência?

A escrita dos roteiros foi complicada, pois meus romances só aparentemente são cinematográficos. Na verdade, eles são muito literários, têm as palavras como seu cerne. Além disso, neles tudo acontece através da mente e da sensibilidade do Conde e há pouca ação física, diferente do cinema, que precisa de algo mais visual, movimento, ação, e foi nisso em que trabalhamos muito duro, minha esposa Lucía e eu, para que os filmes tivessem sua própria dramaturgia sem trair o espírito original dos romances. E acredito que o tenhamos conseguido com maestria, não!?

Como foi ver o ator cubano Jorge Perugorria no papel de Mario Conde, especialmente considerando que o senhor nunca descreve fisicamente o investigador nos romances?

Inicialmente, ver um Conde com um rosto real causou-me certo estranhamento. Mas depois fui me acostumando, especialmente porque acredito que Perugorria soube incorporar-se à pele de Conde e fazer um exercício criativo, assumindo um personagem que viveu por mais de 25 anos na literatura e na mente dos leitores.

O senhor é escritor de romances, jornalista, colunista, roteirista de cinema e agora de televisão e é um grande fã de música. Você

sente, na sua literatura, essa multipresença da arte na sua vida?

Claro. Por isso, nos meus livros, há tantos músicos, pintores, escritores... Por isso a música, a pintura, a literatura aparecem nas ideias principais de minhas obras. Acredito que uma pessoa culta no mundo de hoje deve conhecer todas as artes, mesmo que não seja um especialista. E, no meu caso, isso se complementa com o fato de eu escrever com propósitos diferentes: para os livros de literatura ou ensaio ou conferências, para jornais e revistas, para o cinema e a televisão... Isso me obriga a saber tocar cada um de seus pianos que, no final das contas, são apenas um: o que muda é a técnica, mas não a essência de buscar a expressão das ideias por meio da escrita.

Em coluna na *Folha de S.Paulo* em 22/10/2016, o senhor criticou o Nobel de Literatura concedido a Bob Dylan citando ideias ou processos de trabalho de Hemingway, Milan Kundera, García Márquez, Flaubert, o seu próprio e também os de poetas e dramaturgos. Ao fim, chama Dylan de “escritor de letras de canções”. Uma provocação: a noção do ofício literário como exigência de “dose de masoquismo, de autoimolação, um processo com dor ao longo do qual o artista tem que combater todos os demônios que sejamos capazes de imaginar” (como o senhor descreve na coluna) não seria uma maneira idealizada de pensar o trabalho do escritor, maneira essa, a seu ver, merecedora de uma premiação como o Nobel? Especificamente sobre Dylan, o Nobel a ele não estaria reconhecendo sua poesia, o lado de “trovador” para além de um “escritor de letras de canções”?

Esse é um assunto polêmico que necessitaria várias páginas para que o discutíssemos. Acredito que o essencial sobre o que penso a respeito do Nobel dado a Dylan e o fato de que outros escritores de verdade não o tenham recebido está expresso na coluna da *Folha*.

O senhor disse recentemente estar trabalhando num novo romance com Mario Conde. Há algo que pode ser adiantado ou sugerido? Será no estilo *noir* ou um painel de relações como *Hereges*?

Estou terminando um romance em que meu personagem Mario Conde aparece outra vez e é, talvez, o mais policial dos que escrevi. Mas, dessa vez, é profundamente filosófico, pois é uma reflexão sobre a relação do homem, o tempo e a história. Se intitulará *La Transparencia del Tiempo* e, ainda que aconteça na Cuba atual no ano de 2014, há uma linha narrativa que vai desde o passado e atravessa os séculos até chegar ao século 12, durante as Cruzadas, na época dos Templários. Tudo parte do fato de que uma Virgem negra muito estranha, muito rara e muito valiosa tenha sido roubada.

(Entrevista traduzida por Flávia Figueirêdo, Doutoranda em Letras: Estudos Literários pela UFJF e preparadora de conteúdos originais da Superintendência de Bibliotecas Públicas e Suplemento Literário.)



LIVROS DE LEONARDO PADURA LANÇADOS NO BRASIL

Passado Perfeito

(Boitempo, 2016; Companhia das Letras, 2005)

Ventos de Quaresma

(Boitempo, 2016; Companhia das Letras, 2008)

Máscaras

(Boitempo, 2016; Companhia das Letras, 2000)

Paisagem de Outono

(Boitempo, 2016)

Adeus, Hemingway

(Companhia das Letras, 2001)

A Neblina do Passado

(Benvirá, 2012)

O Homem que Amava os Cachorros

(Boitempo, 2013)

O Rabo da Serpente

(Benvirá, 2015)

Hereges

(Boitempo, 2015)

MARCELO MIRANDA

mineiro de Ubá, é jornalista e coordenador de apoio técnico do Suplemento Literário de Minas Gerais.

POEMAS DE RONALD CLAVER

LUA NOVA OU MINGUANTE

Não importa o rádio ligado
o som alto, a voz rouca
não me importa se a lua
está cheia, minguante ou nova
Não importa a cerveja gelada
teu olho triste, a voz amarga
Não, não me importa nada
O que me importa
é teu olho triste, a cerveja gelada
a lua nova ou minguante

GOSTOSURAS DO QUERER

Prefiro o ócio ao ofício
E o doce pecado do cio.
Nunca temperei corações glaciais
Prefiro paixões passionais.
Não resolvi a equação dos corações
Racionais, prefiro os tropicais.
Em minha matemática do amor a soma de dois
Resulta em um, já que um é a soma de dois.
Confesso que amansei o galope das tempestades
Bebi noites de açoites e exílios.
Nada sei da rota das especiarias
Mas aportei em seu porto a partir das calmarias
Me rendi ao tecer com dedos de bilro
As rendas de seu coração
Quero provocar o vulcão que guarda
No lado esquerdo da sedução
Invento palavras, descubro paisagens, viajo secretos códigos,
visito impossíveis ilhas e traço no limite de seu corpo a trilha
da paixão.
Prefiro o ofício do ócio e o deleite do cio e a gostosura de te
querer sem usura.

RONALD CLAVER

mineiro de Belo Horizonte, é poeta, professor e escritor. Vencedor de um Prêmio Nestlé de Literatura e de um Prêmio Cidade de Belo Horizonte, tem duas dezenas de livros publicados.

ROSA, ROSAE

(O PROFESSOR DE LATIM)

CONTO DE EDGARD PEREIRA

Acordei pensando no professor de Latim. Hesitei algum tempo se devia relatar nossa metódica relação, nos primeiros anos da Faculdade. Que fazer? Aceder ao impulso inicial de referendar ruínas, distante ensaio de amizade, cujos arquivos se haviam lançado no olvido? O idoso internado na Casa de Repouso não mais respondeu ao meu bom dia. Uma vez apenas retrucou com uma frase usual de boa caminhada. Cornamusas e crotalos, a messe que enlourece, os estudos de prosódia e métrica amenizavam o programa árido, recheado de linguística e filologia. A raiz da inesperada lembrança deve prender-se ao nome de uma modesta livraria – *A Flor do Lácio* – instalada recentemente no bairro em que moro. O latim é uma língua morta, ele dizia, falado há mais de mil anos numa região italiana denominada Lácio. Referia outras línguas desaparecidas, como o grego clássico e antigos idiomas eslavos. Para os meus vinte e poucos anos, após seis reclusos em seminário católico, de linha conservadora, arejar o círculo de amigos não deixava de ser uma proposta interessante. Descobria então com avidez o mundo e a cidade grande, uma Kombi me atropelara de manhã numa avenida em frente ao Liceu Arquidiocesano, fechando um ciclo etéreo de relações. Varava as noites de fins de semana em bares boêmios, em companhia de universitários de olhos sonhadores, muitos chegados também do interior.

Enigmático e discreto, o professor, com quem convivi situações esporádicas e intensas. Nunca foi na verdade o docente titular da minha turma, inscrita no turno da manhã. Ele lecionava no curso noturno. À noite nessa altura eu me virava como podia, corria de um colégio para outro, necessitado de defender os trocados que me garantiam o sustento. Mesada era mordomia de família

abonada, longe de ser o meu caso. Embora soubesse onde morava, jamais visitei-lhe a morada de solteiro, no centro da cidade. Os encontros ocorriam nos corredores da Faculdade, entre frases gritadas, versos clássicos, ditos de mofa. A aproximação inusitada, entre mestre e aluno, embora não fosse oficialmente seu aluno, pela razão de meu nome não constar da caderneta de chamada da turma por ele regida, talvez levantasse suspeitas, de todo falsas e imotivadas. Talvez pelo fato de um jovem empolgar-se pelo latim. Fazia-lhe perguntas, rematava dúvidas. Ele dizia que o latim era uma língua desprovida de artigos, de poucas preposições, com uma tendência à imprecisão e indefinição, inexistente nas línguas modernas. Uma língua de conexões aglutinantes, flexíveis, de ossos à vista, pontudos e eretos, quando se observa que as palavras variam de forma quando assumem funções sintáticas diferentes. Uma língua matriz da nossa, ainda capaz de formar novas palavras, pela derivação erudita, demonstrou uma vez. Explicava que tanto a palavra inteiro como íntegro, em português, teriam a origem comum na palavra latina “*integru*”, a primeira através da formação erudita, a outra correspondia à transformação popular. O mistério que envolve as palavras e os sortilégios do sertão, prestes de se disponibilizar, com sintomas de arremetida no incomensurável e ressaibos de vida primitiva, esbatiam-se na inteireza da nossa amizade – em matéria de coisa dada, consentida, sem desatinos.

Divertido, galhofeiro, certa vez convidou-me para acompanhá-lo numa semana de férias. “Saio pelas oito, no próximo sábado. Já sabe onde me encontrar: no posto da avenida Catilina, onde calibre os pneus”. O destino era a fazenda da família, chamada Água Limpa,

localizada a noroeste do estado, em pleno sertão. No caminho, ao volante do Chevrolet, o professor recitava estrofes de Vergílio, o poeta de sua preferência, caprichando na pronúncia das palavras, em obediência rigorosa à fonética clássica, recuperada graças a recentes pesquisas, escandindo solenemente os versos, em ritmo disciplinado: “*Tytire, tu patulae recubans sub tegmine fagi*”, por aí afora desatava a famosa écloga. Foi também ali, no banco do carona, que o ouvi repisar o ditado, um tanto desusado: “joá com flor formosa não garante terra boa”. Revivia, também, extasiado, passagens de uma bolsa de estudos na França, referindo cidades, rios, gares e aeroportos, o bastante para que eu montasse, na imaginação, a cena em que um matuto almo-fadinha e exibido, de malas e óculos, ansioso, perguntava a um guarda, numa estação de comboio europeia: “*Où le depart pour Strasbourg?*”

As hastes de uma lobeira roxa balançavam trêmulas na ventania, assim que chegamos. No terreiro defronte à sede da fazenda, havia ralos arbustos de angico, um jenipapeiro veterano, dois ipês frondosos de perfil rodado, os galhos verdes suspensos em tiras. De certo só posso dizer que era um velho sobrado, não soalheiro, apesar do vasto descampado ao redor, muitas janelas, quase todas fechadas. Defronte à parede da varanda, em canteiro ressecado, salpicado de tiririca, mato rasteiro, calíça e penas de pássaros, vicejavam flores silvestres esparsas, de talo encrespado. Os caibros do telhado eram madeira de lei, os mourões visíveis das colunas, as janelas de folha única davam um aspecto solene ao sobrado. As duas portas – a da entrada que dava numa sala imensa e a da cozinha – pareciam rústicas, de esmerados e arroxeados nós. Mobília era o mínimo indispensável: duas longas mesas, a da



sala e a da cozinha; as cômodas de vinhático, de verniz maltratado; os catres de tábua dos quartos revestidos por colchões recheados de capim; as cadeiras de encosto reforçado; bancos pesados, de madeira lavrada. Duas canastras entediadas alinhavam-se no corredor que levava aos quartos. Nada de adereços. Uma estampa empoeirada do Sagrado Coração compunha uma parede da sala. Um berrante pousava sobre uma prateleira rústica, no quarto maior. Uma prateleira na copa abrigava canecas, panelas, pratos, travessas, um bule de metal, amassado na borda superior. Um chuço enferrujado pendia na parede do lado de fora da cozinha, dito o ferrão.

Os irmãos nasceram quatro homens, dois haviam se casado e mudaram para Curvelo e Corinto, sobraram ele e outro rapaz, que ocupava sozinho o ermo da fazenda. A mulher de um colono do eito preparava as refeições, cuidava da limpeza, o que não garantia demorada presença. Prato de leite estrelado de farinha de milho fazia fartura no café da manhã, de mistura a bolos e quitandas.

As informações me chegavam reduzidas, nem eram por mim solicitadas. Eu era o visitante temporário. As portas do sobrado, desprovidas de fechadura, fechavam-se à base de tramelas de ipê, trincos e lingueta de metal. Cada qual ocupou um quarto. Recordo que tomávamos banhos juntos, o professor dizia que era tradição de família, desde pequenos os irmãos assim o faziam. Da primeira vez, o banho partilhado me surpreendeu, apressei-me na tarefa, me embaracei fugindo à rotina de um banho normal, os habituais cuidados de higiene. Atiçados por toque indesejado, imprevisto, os dois banhistas se distanciavam até onde era possível, no cercado do cômodo, num ímpeto bobo de rir. O rematado risco era cair da mão o sabonete, referiu-se então a anedota. Olhados de viés, lance rápido, restavam desengonçados, resolutos, sob jato de água forte, feito canos descolados, - os atributos de homem. A partir do segundo banho, encarei tudo com mais naturalidade, era mesmo impossível ignorar a presença volumosa do corpo robusto do professor, nu, lavando-se diante de mim. Qualquer protesto a respeito soaria desenhado. Nos últimos dias os banhos foram no córrego, de margens apertadas sob árvores, entre

pedras, um afluente do rio das Velhas. Por onde vagueia a mente de um rapaz desavisado, longe de paredes conhecidas, lançado na voragem de mato e horizonte de cerrado? Uma ducha de fartos jatos d'água.

O outro rapaz, o irmão mais novo, de temperamento estourado, era pouco visto nas redondezas da sede, supunha-se a serviço na roça de milho ou cuidando do gado. Um tanto rude e grosseiro, conforme constatei das duas ou três vezes que o vi. Sucedia haver um desacerto entre eles, de que natureza, a rixa, nunca soube. Ocorreu inclusive uma briga, cujo motivo nunca percebi, nem tive curiosidade de perguntar. Desconfio que o mais novo se opunha também a que eu montasse o alazão, mas esta não passa de suspeita infundada. Expressei uma vez o desejo de andar a cavalo, desisti em seguida, cavalgar em pasto aberto podia se transformar em risco para o jovem compenetrado, inexperiente e urbano que eu era.

Numa das temporadas, comecei a cortejar uma garota do lugar, pele morena com esbatida tonalidade roxa. Nem sabia se aquilo era amor ou rabicho, figurava mais uma afronta ou uma surpresa, antes de ser paixão. Um fogo de querer estar perto, próprio da idade. Desprendia-me do fardo do isolamento, experimentado no seminário, rompia com um passado forrado de religiosidade, sentia-me no limiar de uma coisa maior, uma prova. Dividir com uma garota sestrosa e sonhadora o prazer de se tocar. Por essa altura a minha mãe já morava comigo no centro da capital. Tudo circulava em roteiro simples, dividia-me entre os colégios e a família, até suceder um fato burlesco. A mãe da minha namorada precisou vir à capital, solucionar a pendência de um documento. Foi recebida em casa com a atenção dispensada a um hóspede. Minha mãe e a minha sogra tornaram-se amigas de saírem juntas para fazer compras nos armazinhos de turcos na rua Tupinambás. Corrijo, minha sogra não: a mãe da minha namorada. Sogra é quando o compromisso se efetiva. Apesar de algum roubo sentimental, de um e outro atrevimento, era um namorico recente, de miúdo fôlego. Na segunda noite de sua estada em casa, altas horas a campainha toca. Minha namorada me surpreende, roxa e sorridente, na companhia de um

casal. A amiga morava em Sabará, eles planejavam apanhá-la, depois rumaram para a capital, questão de poucos quilômetros. Sertão, trilhas, estrada, Sabará, Belo Horizonte. A noite acabou numa boate. Ritmos agitados, rock frenético, alternados com o bate-coxas nas músicas lentas, românticas. A mãe da namorada nada podia saber, nem suspeitar: dormia exausta, quando retornei cuidadoso, ao apartamento. No dia seguinte, todos reunidos à mesa do almoço, foi hilário ouvi-la dizer, suspirando, pândega, meio que fechando os olhos: "Coitada de minha filha. Passou a noite sozinha". Eram os dias opressivos de maio de 1969, nos idos da ditadura, mas até hoje sinto os calos nos pés, tanto que dancei nessa noite.

O sertão abria as comportas da resina, o espectro esguio de árvores secas, o segredo de chão gretado, a rota calcinada de lagartos, bandeirolas desbotadas de feira escoada. Deflagrava-se a astúcia da toca, no preciso contorno do poço.

Após um tempo de namoro, que passou a ter foros de seriedade, o bastante para camuflar uma timidez estarrecedora, aconteceram duas coisas: primeiro, conquistei o direito de me hospedar na casa da garota; segundo, as viagens tornaram-se mais assíduas e constantes. O contato com o professor, que por vezes se mostrara convicto merecedor do título de padrinho do idílio, aos poucos arrefeceu. Mesmo o namoro, passados dois anos, parecia voo gorado de ave doméstica. Sonho decepado de jogador de várzea que não consegue integrar quadros profissionais. Dificil compreender certas perdas, como aquelas, nascidas sob o estigma de aspirações que se esfumam, de coisas condenadas ao logro. Para agravar, veio a notícia da morte do canário do meu sogro, cabecinha de fogo, de canto alegre e silvos dobrados. Esqueceram a gaiola, posta para secar após a limpeza, no mormaço da laje.

EDGARD PEREIRA

mineiro de Jesuânia, é ficcionista, ensaísta, mestre em Literatura Brasileira pela UFMG e doutor em Literatura Portuguesa pela UFRJ.

*Nacqui tutta bianca e rossa,
con capelli unghie e ciglia
e la carne ben disposta,
ma (hanno detto) sulla fronte
era passata la cicogna
a lasciarmi il segno in mezzo
agli occhi di un tormento.
Dimmi da dov'è che ora
tu vieni a risvegliare
le tracce antiche di quella
prima bella migrazione.*

Nasci toda branca e vermelha,
com cabelos unhas e cílios
e a carne bem disposta,
porém (disseram) na fronte
passara a cegonha
para deixar o sinal no meio
dos olhos de algum tormento.
Diz-me de onde é que agora
vens despertar
antigos traços daquela
primeira bela migração.

*Mi si attacca dovunque la terra
mentre vengo da te e soltanto
vorrei non avere le suole,
per assicurarmi il tuo volto
potere allungare una mano;
ti prenderà come un vento sordo
questo ritornarti grato in mano
per il niente che hai dovuto
e mi ricorderai lontano
come ciglio di volpe selvaggio
sperando, avvicinati il muso
- e il sospetto natura del bosco;
è fuori d'attitudine questo
coraggio feroce della bestia
mia più umana, talmente che
alla carezza offre la vita,
porge il nodo più chiaro d'offesa
mentre muto le spogli la gola.*

A terra gruda em todo lugar
enquanto te visito e apenas
gostaria de não ter solas,
para me garantir teu rosto,
poder alongar a mão;
te pegará como vento surdo
este devolver-te grato na mão
pelo nada que tu deveste
e longe te recordarás de mim
como cílio de raposa selvagem
esperando, aproximar o focinho
- e a suspeita natureza do bosque;
está fora de atitude esta
coragem feroz da minha besta
a mais humana, tão que
à carícia oferece a vida,
entrega o nó mais claro de ofensa
Enquanto mudo lhe despes a garganta.

4 POEMAS DE SOFIA FIORINI

TRADUÇÃO DE PRISCA AGUSTONI

*Intorno alla testa volavano fiori e ti avrei
recitato la parola e riappesa alla finestra,
presentato ai muri che mi guardano la casa;
in strada una tua mano sul cappotto così attenta
svettava mancina e chiedeva intorno si guardasse
che bello di mattina insperato quel mio volto
quale assurdo terrificante caso di ritorno.*

Ao redor da cabeça voavam flores e teria
recitado a palavra e suspensa outra vez
à janela, apresentado aos muros que me olham a casa;
na rua tua mão no paletó tão atenta
podava canhota e pedia para que olhássemos ao redor
que lindo de manhã inesperado aquele rosto meu
como absurdo terrífico caso de volta.

*Che sia per tutti i cuori miei che ho dato
che tu mi prenda prima della porta
che io stia nella mano appena appesa
al tenace equilibrio tuo orbitante
attorno ai fiori (miei) che non ti dico
- ma io li vedo addosso a te che guardi
intorno a questi occhi e non domandi.*

Que seja para todos os corações meus que dei
que tu me pegues antes da porta
que eu fique na mão recém suspensa
no firme equilíbrio que orbita
ao redor das flores(minhas) que não te digo
- mas eu os vejo em ti que olhas
ao redor desses olhos e não perguntas.

SOFIA FIORINI

é italiana, de Rimini. Em 2016 foi escolhida por Antonio Riccardi como finalista no Premio Rimini com o livro inédito *A Lógica do Mérito*. Uma antologia de seus poemas foi publicada na revista "Atelier".

O CORVO

MIGUEL KOLEFF

Talvez tenha sido a fotografia anônima da “boca rasgada”, difundida por Ernst Friedrich em 1924, que levou Didi-Huberman a compreender que “as imagens, como as palavras, são brandidas como armas e se organizam como campos de conflitos”¹. O certo é que, a partir dela, o historiador da arte percebeu que manipular uma imagem, reconhecê-la, criticá-la e tentar decifrá-la, com a maior precisão possível, constitui-se na “primeira responsabilidade política cujos riscos devem assumir com paciência o historiador, o filósofo ou o artista”. Esta reflexão não é estranha à literatura, que muitas vezes se vale desse recurso para construir verdadeiros quadros de situação. Tal é o caso da obra do escritor alegretense Sergio Faraco, que pinta a aldeia onde viveu ao mesmo tempo em que polemiza com alguma experiência de fronteira, nesse sutil ponto de encontro entre Argentina, Brasil e Uruguai.

Esta é a razão que, neste ensaio, incita-nos a aludir ao conto “Guapear com frangos”, da antologia *Noite de matar um homem*², pois ao fazer de um cadáver malcheiroso o eixo da ficção, o narrador fronteiriço demonstra que – como pretendia Walter Benjamin – entre palavra e imagem existe “uma relação de influência recíproca e de questionamento, por meio de um vai-vém sempre reativado”.

O cadáver em questão pertence a Guido Sarasua e é encontrado três dias depois das águas do Rio Ibicuí terem tirado sua vida, pois se arriscara a cruzá-las em período de enchente. Um erro imperdoável do experiente tropeiro, mas, apesar disso, colegas e amigos, depois de lhe resgatarem o corpo num remanso – com os olhos já carcomidos pelos peixes –, decidem lhe dar sepultura cristã. Sem avaliar o custo da viagem, López, o encarregado da tarefa, atravessa a mata virgem e, além de evitar os obstáculos em meio a uma densa vegetação, deve se proteger do assédio de tatus que,

De que adiantava
guapear com os bichos?
Aproximou-se do corpo
estraçalhado. De
Guido Sarasua ainda
sobravam algumas
carnes, protegidas
pelas costelas e outros
ossos maiores – o
bastante para um bando
de urubus famintos.
Desembainhou o facão.

convocados pelo odor nauseabundo, querem se apoderar dos restos do tropeiro.

Ainda que o protagonista use o revólver para afastá-los, a missão não se completa porque um bando de corvos o impede, disputando o alimento pelo qual anseia e espera. É neste sentido que o protagonista “guapeia”, como refere o título, para defender-se do ataque. Como se aproximam sigilosamente, acredita que pode dar conta de cada um deles, mas quando são vários que lhe sobrevoam a cabeça, entende que a batalha está perdida e então, “como quem parte uma acha de lenha, curvou-se sobre o Sarasua e abriu-lhe o osso do peito ao meio”³.

O fato de facilitar o acesso dos animais às sobras do que havia sido um homem é, provavelmente, o maior impacto do desenlace. Não há aqui nem uma imagem decisiva nem uma sucessão que lhe vai dando forma. A morte assoma por todos os poros, em aberto conflito com a vida e, num território onde a ameaça de perecer revigora, ela se vê convertida em sobrevivência. Assim ocorre com o vaqueano López, que por ajudar seu vizinho vê-se sujeito ao mesmo perigo da vítima; é o que também ocorre com os corvos que precisam da carniça para manter-

-se de pé e, além disso, com “os peixes, as moscas, os tatus, os ratos” que brigam pela presa. A sorte de Sarasua já está lançada e nada pode ser feito em contrário, não há forma de abrir mão desta verdade.

De que adiantava guapear com os bichos? Aproximou-se do corpo es-traçalhado. De Guido Sarasua ainda sobravam algumas carnes, protegidas pelas costelas e outros ossos maiores – o bastante para um bando de urubus famintos. Desembainhou o facão.

- Me desculpa, índio velho.⁴

Como é fácil observar, esta breve narração se imbrica em meio da díade natureza/cultura, colocando em xeque os costumes civilizatórios pela mera biologia que se impõe com a força necessária para desarmá-los. O verdadeiro paradoxo da luta de López com as aves se situa neste ponto de

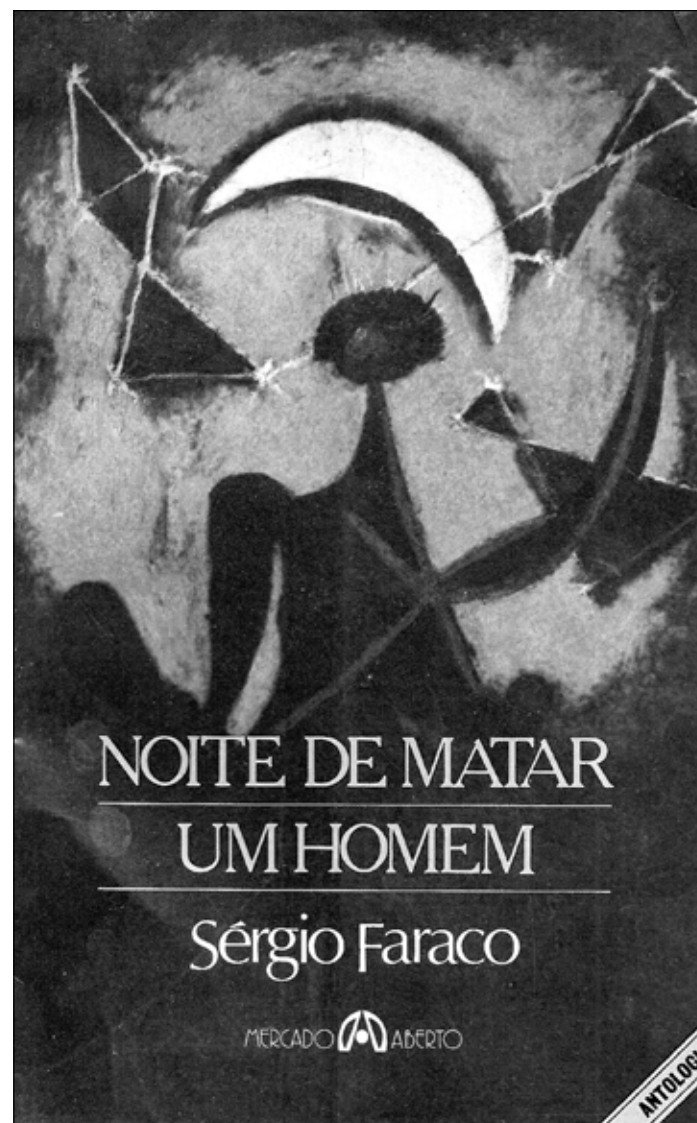
inflexão da própria consciência, ao ter que decidir entre “fazer o papel de maua”, por não poder cumprir com rigor a palavra empenhada, ou sucumbir por uma coragem desmedida ao subestimar “a mesma lei que reina em sua vida e na vida de seus conhecidos” desde sempre.

Precisamente, este conflito interior é o que interessa a uma leitura ética e política do conto como a que inspira a própria história. Põe em equilíbrio – em ritmo – “uma imanência e um corte, um movimento de imersão e uma operação de enquadramento”⁵ que faz aflorar a dúvida metódica do personagem frente ao desafio da alteridade.

Se a dimensão ética se engendra na noção de comunidade que se coloca em jogo quando se supervalorizam os gestos rituais vinculados ao enterro – “o morto não podia ser entregue aos bichos sem os recommends do padre e uma vela que alumiasse os repechos do céu”⁶ –, o aspecto político se define por essa vontade de transformar um “traço de sobrevivência” em uma “ação de resistência”, através de uma intervenção pessoal e solidária com o outro. Deve-se ponderar da maneira correta este gesto, porque seu fracasso não invalida a tentativa, já que não se trata de uma banalidade: há um corpo desaparecido que não chega ao destino e isto não é por falta de esforço nem de compromisso.

Sabemos – por nossa história nacional – que a falta dos restos mortais potencializa o vazio e a ausência de maneira atroz. Portanto não é simples encarar a morte sem os significantes que a colocam em cena, e menos simples ainda quando, neste conto dos anos 80, persistem os ecos da passada ditadura. Por este motivo, na decisão final de López e no pedido de perdão que abre a tarefa delegada aos corvos, expõe-se – e sem imposturas – a fibra mais radical da redenção humana.

(Texto traduzido por Amália Cardona Leites)



1 DIDI-HUBERMAN, G. Pueblos expuestos, pueblos figurantes. Buenos Aires: Manantial, 2014. p.19.

2 FARACO, Sergio. Noite de matar um homem. Porto Alegre: L&PM, 2008.

3 Id., p.77.

4 Id. Ibid.

5 DIDI-HUBERMAN, op. cit., p.220.

6 FARACO, op. cit., p.69.

PEQUENA TORRE COM F R E S T A S

CONTO DE MARCELA DANTÉS

Eustáquio era o porteiro da noite – foi ele mesmo que escolheu o turno, uma tentativa de transformar a sua insônia em algo útil. Funcionou. Toda manhã, quando chegava em casa exausto da longa vigília, dormia bem, por cinco ou seis horas, um recorde em uma vida que já contava muitos anos. Eventualmente, se precisava trocar o horário por alguma razão, simplesmente não sabia o que fazer com a noite livre, os olhos imensos e abertos encarando o teto, o corpo dançando na cama sem encontrar posição que fosse digna do começo de um sonho.

Manuel era o porteiro do dia, porque achava mesmo que era de sete da manhã às sete da noite que as pessoas deviam trabalhar. Quando saía um, entrava o outro. Eram amigos, os dois. Gastavam sempre uns dez ou quinze minutos falando da vida, das pessoas do prédio e da rua, comentando o campeonato. No caso o de tênis, de Roland Garros. Não gostavam de futebol, não entendiam toda a histeria e torciam os dois pelo serviço Djokovic, aquele menino simpático e praticamente imbatível.

Depois de tantos anos trabalhando juntos, estabeleceram os seus códigos. Quem vinha sempre parava na padaria no quarteirão de cima, comprava pão, presunto e queijo, vez ou outra um achocolatado. Sempre dois cigarros picados. Quem estava trabalhando passava o café. A interseção entre os dois era sempre uma refeição, simples mas alegre, espremidos ali numa guarita que era feita para um homem só. Quando um folgava, o outro sentia. Nem Eustáquio nem Manuel pegaram amizade com o menino que vinha pro lugar deles, um cara jovem e minguado demais para dar conta da responsabilidade que era cuidar desse prédio. Nessas trocas de turno, havia gentileza, mas não havia pão.

Para além da guarita, dividiam um quarto de dois por dois na garagem e um banheiro que devia ser do tamanho da banheira dos setenta e dois apartamentos que subiam parede acima. Guardavam pouco ali: agasalhos, um baralho, um rádio. Eustáquio gostava de deixar alguns livros, mas nunca se lembrava de lê-los. Manuel fazia palavras cruzadas, mas passava a maior parte do tempo olhando as respostas e preenchendo cuidadosamente todas as linhas e colunas. Tinha também um colchonete surrado, se as costas doessem demais.

O melhor dia foi quando o namorado casado da Clara, do 301, deu para Manuel uma caixa de bombons muito sofisticados, um incentivo velado à descrição e ao silêncio do porteiro. Como se fosse necessário. Manuel comeu rigorosamente a metade dos bombons e deixou o resto

para Eustáquio, que comeu só metade da sua metade, deixando o restante para o café dos dois, na manhã seguinte.

O pior dia foi quando a mulher de Manuel morreu. Foi ruim pra ele, claro, mas também foi muito difícil para Eustáquio, que não sabia o que fazer ou dizer quando o outro voltasse para o trabalho e se viu tomado por uma ansiedade tão grande que doía na cabeça, na nuca e nos pés. Não pôde ir ao enterro, porque alguém tinha que ficar no lugar de Manuel. Emendou trinta e seis horas de trabalho e Fátima, a síndica, jurou de pés juntos que isso não ia se repetir, mas não se esquece que você não pode bater o ponto de manhã, tá bem? Se não dá problema lá na frente. Ele estava nervoso, tinha medo de ser rude ou bobo demais. Nunca fora casado, não fazia ideia de como era isso de se tornar viúvo. Mas sabia bem como era ser sozinho no mundo, e queria dizer a Manuel que não se preocupasse, porque de um jeito ou de outro, as coisas sempre ficavam bem. Mas, talvez, isso fosse algo terrível demais de se dizer agora.

A noite já ia se acabando e Eustáquio não percebia, mas seu coração batia mais rápido. Não queria dizer tudo errado, não queria nunca ser o sujeito insensível que não sabia o que falar para o outro. Não queria trocar os pés pelas mãos, como fazia muitas vezes. Faltavam dez minutos para o fim do turno quando avistou Manuel atravessando a rua, se aproximando em diagonal do espaço minúsculo que era dos dois. Ele nem sabia que era possível emagrecer tanto assim em tão pouco tempo. Manuel parado do outro lado do vidro, a mão esquerda erguida num aceno tímido, esperando que ele abrisse o portão, e ele só via aqueles olhos fundos na cara do outro, as manchas quase roxas que não combinavam com a luz do dia. Manuel entrou e ele esqueceu o ensaio, todas as palavras lhe fugiram com a velocidade de um menino que puxa a bolsa de uma senhora no ponto de ônibus e, no silêncio, acabou abrindo os braços. O primeiro abraço de dois que se conheciam há tanto, Manuel pequeno e ossudo, e Eustáquio que queria ajudar. Manuel não trazia comida, as mãos vazias diziam que era hora de pegar o ônibus para casa.

- Vou indo então. Tem café. Se precisar de alguma coisa, você me diz. Fica bem, Manuel.

O outro não respondeu, o silêncio batendo no vidro e voltando na cara, doía sem nem se ver, o relógio de ponto esperando pela despedida e foi só quando ele colocou a mochila nas costas é que Manuel falou.

- Obrigado, Eustáquio.

Saiu com a sensação de dever cumprido, o outro quase sorria, não tinha feito tudo errado, afinal. No longo percurso de volta pra casa, e nas horas seguintes, quando não conseguiu dormir pela primeira vez em uma manhã de domingo, ele só pensava em Manuel e em como os dias lhe tinham sido cruéis. Tão magro ele estava, os ossos pontudos em uma cara de assustado, ele que nunca fora assim. A folga correu sem sobressaltos, como o resto da vida.

Caiu a noite e ele comprou o pão, o queijo, tudo que podia para acreditar que a rotina ajeitava as coisas. Quando chegou, Manuel sorriu – tinha café quente. Comeram em silêncio, mas para Eustáquio era suficiente ver Manuel e toda aquela comida boca adentro, sabia que era uma questão de tempo para que tudo virasse gordura que encheria aquele pele flácida que agora lhe enchia a cara. Ele que nunca fora assim. Quando Manuel abriu a boca, foi para dizer umas palavras que saíram apressadas, coladas uma na outra, sem espaço para que o ar entrasse nos pulmões – e, por isso, ele parecia tão cansado no final.

- Eustáquio, sabe o que é? Se não fosse te incomodar, será se eu podia ficar aqui no seu turno? É que eu não queria voltar pra casa não, tá tudo vazio e esquisito lá. E passar a noite sozinho agora deu pra me assustar, um homem velho desses. Mas só se não for te incomodar, eu sento numa cadeirinha ali atrás, dá até pra cochilar. Acho que dona Fátima não ia se importar não, mas claro é você que tem que me dizer.

É claro que podia. Aquelas doze horas até passaram mais depressa, lá pelas tantas, um cigarro do lado de fora, olhando a rua e sentindo o vento na cara. Falaram sobre os bairros onde moravam, em cantos opostos da

cidade. Manuel falou de Lúcia, só o suficiente para querer mudar de assunto. Comentaram sobre os moradores e os tipos frequentes da rua, com atenção especial e um pouco de deboche para aquele sujeito que sempre buzina, antes mesmo de enfiar o carro na garagem, presumindo que quem estivesse ali estava dormindo. Manuel custou a ceder, só bem tarde é que resolveu cochilar um pouco, lembrando da responsabilidade que o esperava quando o dia clareasse. E mesmo com o outro roncando alto, a cabeça apoiada na mesa, o turno de Eustáquio foi mais leve, quase feliz. O sol nasceu, o café passou, mas ao invés de se despedir, Eustáquio disse que ficaria ali, podiam até jogar uma partida de buraco, tinha um baralho no quartinho.

Eram bons em criar novas rotinas e muitos dias e noites se passaram assim. Alternavam os turnos e as tarefas, dormiam mal, mas dormiam bem, um guardava a guarita para que o outro fosse ao banheiro. Ninguém falou nada, arrisco até que ninguém notou, ainda que se possa ver pelo vidro, as pessoas parecem julgar que ele não é transparente. Foi quando chegou a folga de Eustáquio, horas e horas de liberdade e ele sem saber o que fazer com elas. Estava cansado, sim, não tinha mais idade pra isso de dormir em cadeira ou colchonete ou pior ainda, a bunda na cadeira e a cara no colchão que, por certo, não cheirava bem. Mas também não queria deixar que Manuel seguisse sozinho, só agora ele parecia começar a melhorar. O substituto chegou, olhou confuso pra um e pra outro, três pessoas não caberiam ali. O menino enebado assumiu o seu posto e foi só na rua, cada um com a sua mochila nas costas, que Eustáquio se decidiu.

- Quer tomar uma cerveja lá em casa?

Chegaram depois de muito tempo, cansados demais para uma cerveja. Dormiram bem, todos os dois. Voltaram cedo para o turno de Manuel, que dali a dois dias também tinha folga. Eram bons de criar novas rotinas e de novo na casa de Eustáquio. Dormiam invertidos na cama, um olhando os pés do outro, Manuel sempre de meias, Eustáquio vezes sim, vezes não. Mais muitos dias e muitas noites, o quartinho era quase uma nova casa, se podia viver tranquilamente com o que guardavam ali. Foram turnos a perder de vista, Eustáquio orgulhoso da carne que crescia no rosto de Manuel, até que folga de Eustáquio, mais uma, e o caminho natural era que seguissem de ônibus para sua casa. Nem o moleque substituto estranhava mais. Já na rua, Manuel parou e olhando para o chão e, falando daquele jeito apressado que só vinha quando ele ficava nervoso, disse que talvez fosse melhor dar um pulo em casa, ver como estavam as coisas, as contas que deviam estar se acumulando na caixa de correio. Meu ônibus é pro outro lado, a gente se vê em breve, Eustáquio.

Duas horas e trinta e seis minutos foi o tempo que ele levou para pegar o ônibus e depois andar apressado e sozinho pelo resto do trajeto até a sua casa. Já havia se esquecido como era fazer esse trajeto sem Manuel. Depois, mais dezoito minutos para um banho rápido, sem fazer a barba. Comer qualquer coisa. Era noite e ele tinha folga. Cinco horas e quarenta e dois minutos foi o tempo que ele passou na cama, virando de um lado pro outro, os olhos no teto ou a cara enfiada no travesseiro. Duas horas e quarenta e nove minutos entre ônibus e o passo apertado, de volta ao trabalho. Nem cinco minutos para pedir demissão, e a vida toda pela frente.

MARCELA DANTÊS

mineira de Belo Horizonte, é formada em Comunicação Social pela UFMG e estreou em livro com os contos de *Sobre Pessoas Normais* (Patuá Editora) em 2016.



QUANDO EU MORRI

CONTO DE ROSÂNGELA MALUF

Ontem, quando eu morri, era quarta feira, 19 de abril, dois dias depois do meu aniversário de 50 anos. Não pensei que uma cirurgia tão simples pudesse terminar numa parada cardíaca. Estou achando que me vou cedo demais, mas não teve mesmo jeito. A moça de azul entrou na sala do CTI, verificou os fios, suspirou profundamente, me olhou e apertou uma campainha que imagino, deve ter tocado na sala da enfermagem. Entraram, logo depois, três pessoas vestidas de branco, um homem e duas mulheres. Apenas resmungavam. Quis ouvir o que diziam mas só conseguia ouvir barulho de água, muita água, cachoeira, cascatas, cataratas, ondas do mar, algo assim...

Pessoas começaram a chegar. Há muito entra-e-sai nesta sala de tratamento intensivo. Muita gente, muito barulho. Estou muito quieta, não consigo me mover. Ouço ao longe um rádio, uma partida de futebol talvez; na sala da enfermagem? A esta hora? Pode ser. E agora? Por onde devo começar? Não respiro mais e nem posso mais controlar minha ansiedade. Teoricamente, não posso me sentir ansiosa. Sinto-me estranha, muito estranha e tenho tanto para resolver ainda hoje! Quero sair daqui. Vou sair daqui.

O barulho das águas que ouvi ainda há pouco, era o mar. E é sobre ele que me vejo agora. Já é dia claro. O céu está azul e faz um sol bonito. As ondas são enormes, azuis ou verdes, não consigo definir muito bem. Estou acima delas, como a bordo de um aeroplano, voo rasante. A praia está deserta. Flutuo sobre a areia clara. Não vejo ninguém. Alguns pensamentos me assustam mas logo me livro deles. Preciso aproveitar a sensação de ser água, eu sou o mar. Amplidão, liberdade, calma e serenidade, isto é o que sinto. Agrada-me esta sensação embrionária. Sim, estou no ventre da mãe. Amniótico.

Não consigo saber que horas são. O que eu deveria fazer agora? Árvores imensas me impedem de continuar voando. Mergulho em uma mata densa, fechada. Raios de sol atravessam as copas das árvores e me fazem pensar em fotografias. Linda luminosidade. Tantos tons de verde que me confundem. Tenho a impressão de

que o céu aqui é verde também. Não ouço nenhum som. Imagens, apenas imagens. Vem-me a certeza de que sou árvore também. Abro gostosamente os braços; sou galhos imensos, troncos fortes, ramos, muitas folhas. Sou vegetação. Sim, isto mesmo, vegetação. Clorofila, muito verde, luzes, me sinto uma planta. Natureza, mãe terra, gaia, fertilidade, grandeza, isto é o que sou agora.

Vejo uma casa bem no meio da floresta. É a minha casa. Em uma clareira. A garagem vazia. O jardim. Entro pela porta lateral, subo ao segundo andar e vou até a biblioteca. Minha escrivaninha, meio desarrumada. Procuro mas não consigo encontrar minha agenda. O que está acontecendo comigo? Estranho, não vejo ninguém, tudo muito calmo: os livros na estante, os porta-retratos com fotos da família, a antiga cômoda da minha avó.

Abro as duas últimas gavetas; lá guardei caixas com fotos antigas, reveladas em papel fosco. Todas elas em cores e separadas em grandes envelopes pardos. Etiketados por ocasiões especiais e/ou rotineiras. Abro os envelopes do meu casamento, aniversários dos filhos, natais, festinhas de escola; revejo a grande família feliz, reunida nas bodas dos meus pais, o beijo dos dois; vários envelopes com as viagens, os bailes de formatura, encontros de amigas, casamento dos filhos, foto com os netinhos e uns retratinhos 3x4 escondidos em um envelope menor – namoradinhos do tempo de colégio. Sorrio saudosa daqueles amores perdidos no tempo. Coloco as fotos, uma por uma em sequência e fico pensando em tudo que estou deixando ficar! Tudo que me fora tão caro, tão importante e que agora permanecerá naquela mesma gaveta. Longe de mim.

Invade-me um sentimento de imensa gratidão. Reconheço a plenitude que me guiou os passos. No balanço das horas tive momentos bons, outros nem tão bons e alguns odiosos, como ocorre com todo mundo. Fui muito amada e amei muito também. Sinto-me orgulhosa por tudo que consegui em minha vida profissional. Procurei dividir, com os próximos a mim, tudo que poderia ser distribuído, repartido, compartilhado. Olhando pra trás

não levo comigo nenhum remorso, nenhum arrependimento, nada de ódio ou rancor. Algumas coisas poderiam ser feitas de outra maneira. Poderia ter me chateado menos, esperado menos das pessoas, criado pouca ou nenhuma expectativa, mas não deu... Devo ter comentado inverdades, contado mentirinhas, nem sempre um comportamento exemplar mas tive uma vida normal, com defeitos, com planos mal sucedidos e de tristezas também... muitas tristezas!

Sobre a escrivania encontram-se os livros ainda por ler; caderninho de anotações, folhas soltas com recados, números de telefone. Olho tudo sem saudades. Sem apego. Não sinto medo. Não temo o depois. E a transferência de consciência será uma realidade ou não? Lembro-me do powa tibetano - tudo para voltar à terra pura, livre do sofrimento, das doenças dos problemas, das dores. Pergunto-me se serei merecedora de uma passagem leve e apaziguadora. Passagem para onde? Estarei mesmo saindo daqui? Estou mesmo indo embora? Para onde irei? Não sei ainda...

O que sou eu agora? O que serei de hoje em diante? A permanência, experimentada em muitas vidas, me diz que nada permanecerá igual por muito tempo. Tudo muda. Eu também estou mudando, passando de uma vida para outra vida? Levarei de mim tudo que vivenciei, vivi, experimentei? O que irá sobrar no final de tudo? Não posso acreditar que serei nada, nada! Vejo um filme em câmera lenta. Uma quantidade imensa de recordações, de saudades dos tempos passados, das pessoas, dos locais, dos acontecimentos, um turbilhão de sensações muito vivas, muito fortes porém efêmeras. A isto chamamos memória? Ou consciência? O que sobrará de mim quando desprovida do corpo físico, serei apenas a memória? Ou apenas o quê?

Daqui onde estou, posso ser tudo que quero, posso me deslocar para onde desejo, tenho vontades e as realizo - só não sei se isto é real! Sinto-me flutuar e me vejo muito além do tempo e do espaço. Agora sou nuvem.

Continuo vagando pela casa, entro no meu quarto. Olho tudo com muita calma. Ainda penso que tudo aqui me pertenceu um dia mas sei que nada disto é meu. Fui feliz aqui. Sorri muitas vezes. Chorei tantas outras. Sofri pelos mais diversos motivos. Comemorei muitas vitórias. Celebrei a vida, o amor, a alegria e a felicidade. Lamentei perdas, me arrependi de erros cometidos, revi muitas cenas da minha vida. Algumas delas, consegui mudar, outras não! Abraçada ao travesseiro fiz julgamentos equivocados

Tudo muda. Eu também

estou mudando,

passando de uma vida

para outra vida?

Levarei de mim tudo

que vivenciei, vivi,

experimentei? O que

irá sobrar no final

de tudo? Não posso

acreditar que serei

nada, nada! Vejo um

filme em câmera lenta.

e outros ponderados e justos. Chorei lágrimas infinitas. Planejei dias melhores para minha vida, adiei muitos projetos, refiz novos planejamentos. Programei mudanças que me poderiam fazer mais feliz. Sempre a felicidade. Sempre. Para mim e para as pessoas queridas, participantes da energia com que me abastecia. Poucas coisas desejei mas persegui, incansavelmente, a alegria e uma vida plena. Sem ambições desmedidas, consegui (quase) tudo que quis.

Sinto uma gratidão imensa por aqueles que cruzaram o meu caminho. Pelo bem ou pelo mal foram grandes mestres, grandes escolas, fontes de aprendizagem e sabedoria, mesmo quando eu não conseguia entender muito bem a situação vivida. Sinto profunda gratidão por ter tido os filhos que tive. Lembro-me, com o coração apertado, de cada um deles. Nenhum amor se lhes

compara, nenhum outro. Lamento deixá-los. Cada um deles preencheu os meus espaços internos e fizeram de mim um ser humano melhor. Muito melhor. No quadro de avisos, dois recados. Deslizo carinhosamente meus dedos sobre as fotos, os cartões "te amo" e as fotos das mãos em coração, I love you. Eu também amo vocês. Para sempre, amarei.

Estou cansada, muito cansada. Não sei o que faço agora. Nenhuma vontade de nada. Nenhuma expectativa. Acho que sinto sono. Olho ao redor: nada de luzes brilhantes, escadarias azuis ou pessoas brancas e translúcidas... nada de vozes chamando o meu nome, nada de cenários surreais. Ainda sou eu. Aqui. Com muito sono. Muito cansaço. Não respiro mais e volto do profundo mergulho, das águas calmas onde me encontro. Chego à superfície, mas superfície não há... E mesmo assim eu vou!

ROSÂNGELA MALUF

é mineira, pós-graduada em Marketing, professora universitária e consultora de empresas.

OS MUITOS PERCURSOS DA POESIA DE

VIVIANA BOSI

EUCANAÃ FERRAZ

Quando se percorre a paisagem interna de um poeta, sua geografia afetiva vai se tornando familiar para o leitor, que acaba por ficar íntimo das paragens imaginárias que os versos delineiam: uma tonalidade dominante, algumas cadências peculiares, a identificar seu universo.

Porém, ao longo dos últimos anos, a poesia de Eucanaã Ferraz foi escalando relevos tão variados, à medida que seus horizontes se ampliaram, que seria redutor arrogar-se a reduzi-lo à linha mestra constitutiva de uma única suposta espinha dorsal para sua poética. O imprevisível nos colhe de surpresa, nesta trajetória de múltiplos percursos.

O leitor palmilha vales, agarra-se a rochedos, mergulha ou flutua, contempla, esbarra apressado... experimenta toda sorte de ritmos e sentimentos, por meio da excelente coletânea editada em Portugal o ano passado, que reúne os seus oito livros de poemas até agora publicados (*Poesia*, 1990-2016. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2016).

Mas por que em Portugal primeiro, e não no Brasil, como seria de esperar? Possivelmente devido à frequência constante de Eucanaã da poesia e das terras lusas – presentes de várias maneiras em sua obra.

Abre o volume um inspirado prefácio do crítico Carlos Mendes de Sousa (reconhecido no Brasil por seus importantes estudos sobre Clarice Lispector, Drummond e Cabral).

Como é de praxe, a obra começa com a última publicação, *Trenitalia* (2016), progredindo de forma retroativa até o livro mais antigo. Este opúsculo de nove poemas aparentados por atmosfera comum aborda, como o nome antecipa, temática vinculada à apreciação de uma viagem, transfigurada pela imaginação, à Itália:

*Acredito em Veneza mas estar lá é fantasioso vago
demais que tenha acontecido então é preciso aceitar
que haja espécies irreais de real. Seria fácil dizer
que Veneza não existe mas os turistas provam
que sim e trazem guias que o garantem.*

(trecho de “Câmera”)

Dentre as impressões que o fascínio pelas artes e história do país propiciaram, um fio perceptível entremeia-se por entre diversos poemas: a meditação sobre as ruínas de pedra em que deuses e homens foram esculpidos, agora mutilados pela passagem dos séculos: “A imperfeição nos retrata/ bem mais que corpos completos”. Mas se, a princípio, os

deuses “são escarpas/ - pura indiferença/ diante dos relógios -/ contra as quais se quebra/ nosso pouco tempo/ nos museus e parques”, a distância parece reverter, às vezes, em favor dos homens, com veias de sangue, vibrantes, ao invés de olhos cegos de mármore frio. Entendemos que estes versos indiciam a trilha poética que Eucanaã vem afirmando nos últimos anos.

Nos seus trabalhos presentes, o refinamento apolíneo que em grande medida o caracterizava se retesou. Sem haver abandonado o gosto pela simetria ondulada do encadeamento rítmico e dos ecos sonoros, aprimorou ainda mais as possibilidades harmônicas, alternando-se entre o corte de marcação pulsante, o poema em prosa, o verso partido por certo *enjambement*, a narrativa distendida. Versátil, dedilha a enumeração anafórica, o estribilho com variações, a rima interna, as redondilhas, a aliteração e a assonância elegantes.

Ao tratar do esplendor da arte medieval e renascentista, Eucanaã alcança a dimensão do sublime sem se desviar do simples e do preciso. Assim define Carlos Mendes de Souza sua poética: “Também estamos à beira da beleza no rastro, naquilo que não cabe em nenhum lugar longínquo e grandiloquente, no pequeno traço que tocando as coisas as torna eqüidistantes no verso: a pequena janela, o vasto mundo.”

Esta capacidade de figurar, por meio do material de imagens e sons, desde o corpo verde do inseto até a terra vista da lua, nele transborda de forma extraordinária. Difícil destacar versos de amostragem, quando imbricados em teias de composição tão orgânica.

Com intenção entre brejeira e séria, inicia e termina *Escuta* (2015), seu livro anterior, entre seções que se chamam, ambas, “Orelhas”, apostas no começo e no final, cada uma delas contabilizando dois poemas: todos eles reflexões sobre o uso da palavra. Conversa, talvez, com Fernando Pessoa, quando este confessava ser inevitável o ridículo das cartas de amor. Ou com Mallarmé e Cabral ao desejar que a língua vá adiante de si mesma e chegue “a um céu sem nuvem sem anjo sem pássaro/ sem signos do zodíaco porque não há estrelas/ na abóbada do papel em branco entre dentes/ como pedras desenhando um país deserto” como se a língua fosse além de si mesmo até enlaçar o real, língua “que para facilitar chamemos beijo.”

A primeira seção (*Ruim*) abre-se com “Esta placa”, em que o poeta se interroga sobre o próprio nome: “começa com eu” e após, alude a Canaã, terra prometida de leite e mel, que não existe a não ser como projeto.

Haveria alguma coincidência entre o nome e a pessoa do autor? Ou o seu profundo propósito seria libertar-se dessa profecia a ele imposta para viver o agora, e simplesmente ser, sem etiquetas enganosas?

A ironia atravessa o livro em inúmeros versos: seja quando caça dos questionários de imigração preenchidos no avião, falseadores da condição humana; seja do pseudo progresso que avança pelas estradas do centro oeste brasileiro, a tudo descaracterizando. Humor cáustico contra Dona Baratinha, personagem típica de canção infantil, cujo colo é “tapete amarrotado” pela velhice maquiada, mas que gostaria de comprar com a “pensão do falecido” um pouco de amor... Ou ainda na descrição do jantar num restaurante em que um solitário cliente precisa agüentar o péssimo pianista – e o poema apresenta, em *degradé*, inflexões do som deslizante de um termo pernóstico como “ouropel”: “sentimental”, “cruel”, “mal”, “deplorável”, “bechamel”, “fácil”... que incrementam a afetação *kitsch* do ambiente.

Há uma sequência de poemas fortes e inquietantes, relativa aos escombros de guerra e à brutalidade da destruição, sob o céu de um azul indiferente.

Sobretudo, manifesta-se o isolamento do sujeito a quem o mundo maquínico contemporâneo expeliu. A velocidade do tempo mortal, seguindo adiante e arrastando memórias, cadáveres, sonhos, paira sobre esta poesia.

Na parte seguinte (*Alegria*), chamam a atenção os poemas de feição lírica, em que retratos de encontros e desencontros amorosos nos são imageticamente revelados. Lemos em “Quem (ele)”:

*Rainho?
Princeso?*

*Se ainda mais alto,
pássaro,*

*como retê-lo entre os dedos?
Tucano branco de olhos negros.*

Ou: “tinha a solidez da esarpa que no entanto se curvava”; e ainda, de modo bem humorado e faceiro, nos primeiros versos de “Simples”:

*Se você não sai da minha cabeça,
minha cabeça é seu apartamento.
Já você, sendo você, é um chapéu
que uso dentro, como se usa um carço.*

O deslumbramento com paisagens extremas se prolonga livro afora. Se “O Alentejo não tem carço nem casca/ [...] O mundo é pequeno, o Alentejo é imenso”, igualmente as extensões do deserto chileno o assombram. Em “Santiaguino”:

O Atacama é tão espantoso que não significa.

*É como o mar alto apagado e sozinho, explosões solares,
estrelas mortas viajando, geleiras, terremotos.
No taxi – o deserto vai do meu lado.*

Um ar sophiano, cabralino, de luz e sal, sopra sobre estes espaços soberbos.

O padecimento da coita amorosa está reservado para “Memórias pós-tumas”, a seção final. Poemas com títulos monossilábicos (“Eis”, “Que”, “Sem” “Se”, etc.) comparam os casos de amor fracassados a navios afundados cujos destroços se alojam no corpo do sujeito, que naufraga, ferido, arriscando-se à morte. A felicidade dura tão pouco... quase ilusória: “nós dois/ sob o céu de um hotel sem estrelas”, mas logo se esvai: “não pude salvar um só instante/ de nossa pele se quebrando.” As dores do degolado à la S. João Batista pela desalmada Salomé, podem adquirir um matiz sarcástico: “Mas você/ você não sabia sequer a diferença/ entre um coração e uma almôndega.” – coração este “que nos caiu ao pé”. A destruição do amor conduz, finalmente, à aridez, enquanto o sujeito foi consumido, seu rosto virando cinzas:

*Estamos bem assim, não acha? Entre nós
um jardim de areia arde sob o sol isento.
É o que está certo, reguemos a ardósia
de nosso breve deserto.*

Contundência da imagem, articulada ao som: tal como em corpo vivo, o músculo envolve o osso.

Tendo comentado brevemente as publicações mais recentes, propomo-nos a inverter a ordem do volume e a observar, a partir de agora, o critério cronológico, de modo a mais claramente perseguir vetores de continuidade e ruptura no itinerário de Eucanaã.. Começamos, pois, nosso apanhado sucinto pela obra mais antiga.

É com agrado que se lê o *Livro primeiro* (1990). Em sua gênese, alguns poemas inauguram o poeta, referindo-se à infância, ao universo afetivo. O estilo, despojado e cálido, já anunciava traços que foram se intensificando. Dentre eles, o apuro construtivo: “O arquiteto equilibra a beleza num fio reto.// Constrói no ar/ o concreto.// Imagina a natureza.// O primeiro arquiteto nasceu no deserto e podia ver os átomos.” (“Construção”); assim também o prazer da delicadeza lírica: “Dois balões/ aterrissados nas minhas mãos.// Dois silêncios/ redondos e macios.// Dois barcos que me levam longe/ onde mora a flor.” (“Poema para os seios do meu amor”); e um princípio de humor insólito, tal como ao descrever um dragão, morto pelo poeta para presentear romanticamente sua Dulcineia:

*Mas não seria preciso guardá-lo:
telefonarias para o Departamento de Limpeza Urbana
avisando que um louco que te ama
deixou um sonho morto
na porta da tua casa.”*

(em “O dragão”)

Martelo (1997) vem a seguir. No geral elípticos, os poemas se adestram para a poda afiada, com imagens impressas à maneira das comparações cabralinas, com gana de concretude e alumbramentos minimalistas: “Vis-à-vis, a gravura e o verso: cavar a golpes finos de ferro”. O aspecto visual é intenso:

*Na terra de Whitman,
conheci o outono
- o rosto incendiado do outono.
Quando viver e morrer
são a mesma fagulha
em cada folha.*

(“Outono”)

Recorrente o emprego do subjuntivo volitivo, a espriar-se, dora-vante, por quase toda a obra subsequente: “Praia que se imaginasse/mármore”; “Um rio que se repetisse”, “Como esperasse brotar/ a água no poço”; “Como quem quisesse tocar/ o pulmão do sol ali” – seria forma de abraçar, pelo desejo, a imagem intuída, e então transcrevê-la, certaíra?

Algo do acento aparentado ao épico também se entrevê: o poeta assume, por vezes, a posição do sábio, a asseverar de forma lapidar, mas leve: “A alegria – uma prática”.

Sempre palmilhando nossa vereda páginas adentro, chegamos a *Desassombro* (publicado primeiro em Portugal, 2001, e pouco depois no Brasil, em 2002). Livro de depuração, em que o ofício de poeta comparece como tema e problema. Um cuidado exigente, ginástica delicada com as palavras, se faz presente: “o sol/ necessário, um debrum”. Esmerados exercícios com o pêndulo que balança entre o som e o sentido atingem momentos do melhor encontro, como se reconhece, por exemplo, em poema dedicado à mãe brasileira de Thomas e Heinrich Mann. O país da infância é transmitido às crianças por meio de retalhos da memória, principalmente através de sensações viscerais, que penetram pelos olhos, dentes e cabelos dos filhos. Assim, o sumo da cana, o vermelho de flores desconhecidas, os homens e mulheres pretos, e tantas lembranças remotas vêm à tona em breves fulgurações, conforme se lê neste trecho:

*Ela era uma menina e era bom correr
e cansar, como se girasse em torno do sol,*

*(o sol, como nunca mais)
à beira do mar e da felicidade,
à beira da beleza
como de um precipício.*

Talvez tenham sido estes poemas de teor memorialístico, ao lado da lírica amorosa, que salvaram Eucanaã de certa ascendência pós-cabralina e pós-concreta um tanto anêmica na sua obsessão metalingüística que se pode notar em alguns poemas nas últimas décadas do século XX, a se contrapor à por vezes negligente espontaneidade das vertentes ditas

marginais. Sem o vigor das vanguardas e de Cabral, um formalismo desossado se tornou moda, como marca de sofisticação cultural e domínio de técnicas do verso. O anseio profundo de mergulhar na subjetividade sua e alheia, e de perscrutar os desvãos do mundo à sua volta, sem rebaixar a exigência da elaboração propriamente poética, permitiu ao nosso autor conquistar um espectro generoso de possibilidades. Inclusive sem o temor da diapasão lírica, o qual se converteu igualmente em tique vácuo. Parece um mantra das novas gerações evitar a todo custo a beleza, como se esta fosse uma praga regressiva. Ao contrário, Eucanaã não se furta à aspiração de alcançá-la, utopicamente, ainda que se resguarde de uma possível ilusão (e, mais uma vez, premindo a tecla do subjuntivo):

*Imaginassem as amendoeiras
que estamos em pleno outono.
Vestem-se como.*

*Púrpura, ouro,
estão perfeitas como estão:
erradas.*

*Pudesse um poema, um amor,
pudesse qualquer esperança
viver assim o engano:*

*beleza, beleza,
beleza,
mais nada.*

Manifesto de fundo ambíguo: mantra, oração, apelo. Mas, basta continuar o exame das páginas seguintes para desfazer qualquer juízo superficial de que para o nirvana estético se dirija toda a energia do poeta. Uma canção pungente para os afogados, em meio às águas que “batem suas patas” em “fúria absoluta de leões”, “com dentes atrozes/ queixadas tão fortes quanto/ as mais fortes, de aço, armadilhas” encerra esta seção do livro, seguida por outra dedicada à pobreza estrita e seu desespero. Assim, percebe-se que uma parcela da atração por claridade e graça deriva do reconhecimento da triste esqualidez que nos rodeia. Constante, a ambição de descortinar o real, perscrutando a escuridão para iluminá-la:

*O manéio Miró, Goya,
contra a noite,*

*de atear lâmpadas
que se alastram sobre as coisas,*

*sobre homens miseráveis,
sobre o sono, as casas,*

tudo momentaneamente azul, a ouro,

sob a luz de uma luz

*feita de fogos, meteoros,
sóis, faróis
fabricados da alegria,
no porão dela, onde a dor.*

Nesta hora, evocamos o alquimista baudelairiano, cuja imersão na sordidez da cidade (tal como o trapeiro, ou sucateiro) o poeta carece de transmutar, ao almejar à “magia sugestiva”, imã solar: “manhã de amanhã”.

Quem sabe poderíamos amainar a interpretação desfavorável acima insinuada a respeito de alguns poetas se, ao constatar que a flébil volta à democracia não foi acompanhada de projetos sociais vencedores de nossas mazelas, verificamos, no entanto, que tentativas e esforços, dignos ainda que insuficientes, ecoaram em suas tentativas de contrafação poética de contenção e asseio – ensaios de construção do país pela palavra límpida, quanto mais não fosse: “Mão que desembaraçasse/ tornando tudo o visível,/ fácil.”

Foi por esta época que Eucanaã editou a reunião de letras de Caetano Veloso assim como várias publicações à volta da obra de Vinicius de Moraes. O pendor musical de sua poesia só pode ter ganhado com esses estudos, assim como uma respiração lírica de ritmos mais dilatados.

Continuando nosso trajeto, passeamos pela *Rua do mundo* (2004), cujo título remete a uma tradicional via lisboeta, hoje rebatizada como Rua da Misericórdia. Lá morou a poeta Luiza Neto Jorge, mencionada no poema que dá nome ao livro. Sim, “o poema ensina a cair”, disse ela uma vez. E, tendo em vista essa ascendência, deparamos com um experimentar desassossegado, de quem se despe de atavios e ornamentos de alguma estabilidade segura e então se lança. Os versos de Eucanaã ariscam-se na seara do mundo às avessas, instaurando novos nomes para o universo da canção em movimento. Ele se permite saltos para o lado sombrio e mesmo insólito: “aquilo que fosse de mim a borra no fundo,/ o avesso, o três, o vazio,/ a folha venenosa que recusei, que evitei/ mastigar e permanecia quieta como um cacto// secreto?” (“Pombagira”). Cada vez mais o poeta enfrenta a experiência do desencontro, do torto e do não, espinho e áspero.

Direção relevante, a já citada tensão inegável com a vertente cabralina enraíza-se entranhada e estranhada em sua obra. Em poema acerca de um toureiro derrotado, o sujeito lírico exhibe o aspecto falhado do “herdeiro morto” em “canção defunta” - quem sabe possível perspectiva sobre seu próprio caminho. Meditação consciente sobre o “modernismo póstumo” (na expressão de Roberto Vecchi, referindo-se ao poeta contemporâneo, que precisa se haver com o fantasma do “pai”). Cito alguns trechos desse diálogo intenso com os antecessores, que, aliás, inclui também um tanto de conversa com Drummond:

*não-euclidiano, cabra-cega, amarelo-
escuro, lugar-comum, sem ouro*

*e sem tesoura, não mais que a rasura
de ter estado vivo*

*[...]
arrebentou-se a esquadria,
a máquina morreu.*

*[...]
O que em mim era casa
deixou fugir as vigas, descolou-se*

O efebo incorporou e desafiou a tradição, alcançando sua particular maioria.

Outro motivo recorrente: o convívio entre arquitetura, casa, corpo e veste. “Carregar uma cidade nos bolsos”, recomenda. Assim alude às roupas projetadas pelo estilista japonês Issey Miyake: “Vestir essa casa/ será sempre desvestir-se do// um, será estar nu: varandas/ tudo.” A capela de Ronchamp, desenhada por Le Corbusier, o tijolo cobogó, os arranha-céus, os edifícios que supomos retos, mas que contêm em suas linhas um potencial arabesco (“ali/ onde é mais tenso/ o elástico que arremessa o edifício para o alto”), o concreto aparente, as covas em que habitam tantos povos, os parangolés de Oiticica – toda essa enumeração de poemas sobre múltiplas formas de construção poderia estar vinculada a um impulso fundo de conciliar corpos concretos e poesia, morada porosa do ser: “Avalia: coisa e palavra/ no mesmo prato”, e: “Casa: máscara// que se desdobra, decalque sobre a pele e/ a um só tempo, tatuagem sob a carne, como se morasse em nós e não nós nela”. Mais do que um tema, dir-se-ia que essas relações esclarecem o “acurado jogo de equilíbrios” (Souza) entre os diversos pólos desta poética.

Um terceiro vetor do livro são as sequências girando à volta de um tema que se desdobra. Poemas que invocam o pai falecido (leiam-se os impressionantes “Pai” e “Aquele velho”); poemas que se referem a um amor esquivo, por quem se suspira com a máxima impaciência, como em “Já”:

*Estrelas desabassem,
Pesadas, inteiras,
Como a água cai da torneira.
Assim, um amor
absoluto e agora,
na emergência de
umas poucas horas.
[...]
O porvir (desejá-lo) sumiria
num rapto. Em seu lugar,
o fio repentino do êxtase,
a luz plena de um raio.*

A série sugere um empenho de sedução, talvez algum momento de encontro feliz, logo desfeito por farpas amargas, que a sonoridade mais

aguça (“e o silêncio semelha o dente de um ácido/ sombrio sobre nosso ferimento,// ainda tão recente/ cintilante”).

Por fim, outro prisma se destaca: desde o primeiro livro, hasteia a bandeira desfraldada da alegria, que se manifesta especialmente quando o tempo, em “intervalo cristalino”, suaviza sua passagem. O casamento entre fazer poético e alegria vai inspirá-lo amiúde, como ressalta Carlos Mendes de Souza, ao avizinhar Eucanaã dos artistas que frequentam seus versos, como Matisse, Calder e Miró. Todavia, essa disposição luminosa “é também a imagem da compreensão de nossa condição trágica” (considera o poeta, citado pelo crítico).

Não podemos abandonar este volume, em que a maturidade do autor se afirma plena, sem mencionar um de seus raros poemas narrativos, “No Grande Hotel do Porto”, no qual relata a triste noite de Dom Pedro II ao lado da esposa, Tereza, que então morria, ambos despojados de seus títulos de majestade, tendo se tornado apenas um homem e uma mulher solitários naquele quarto de hotel em terra estrangeira. Enquanto se passava o drama do antigo imperador, pelo telhado voavam gaivotas estridentes, emitindo “a mais terrível canção de exílio. Não deveria haver/ jamais gaivotas sobre o teto de nenhum hotel,// proibidos tais gritos brancos de espuma, pois/ a noite tem de ser a noite, sem pontes, hermética.”

A seguir, aportamos em *Cinemateca* (2008), que mereceu a merecida distinção do Prêmio Jabuti. Vem dividido em três partes, denominadas 1ª Luz, 2ª Luz e 3ª Luz, como se fossem sessões sucessivas de cinema. Tal repartição parece traduzir-se em diferenças quanto ao enfoque. A primeira contém, em especial, versos de acentos matinais, em que a cintilância solar e a promessa de felicidade sobressaem. A natureza brota, úmida, azul e amarela. Viver no Rio de Janeiro com certeza imprimiu-se nos cenários de grandes águas e penhas e flores vibrantes. Num assomo de energia, a seção termina com este “Sumário”, declaração poética que certamente se refere a Luiza Neto Jorge, citada acima:

*O poema ensina a estar de pé.
Fincado no chão, na rua, o verso
não voa, não paira, não levita.*

*Mão que escreve não sonha
(em verdade, mal pode dormir à luz
das coisas de que se ocupa).*

A luz, onipresente, proclama sua vocação por dar a ver reto e direto, sem folhagens e gorduras dissimuladoras: “Meu tempo é/ desde sempre, o das coisas mortais/ e separadas”. Inflete sobre o instante, fixando a imagem no poema, ora para alumbrar ora para ensombrecer.

Na verdade, um obscurecimento progressivo domina o livro conforme nele se penetra. A noite, o pavor, a recusa amorosa, retomam sua ronda na terceira parte sob diferentes matizes. Se o poeta “é responsável pela humanidade, pelos animais até” (Rimbaud), um dos mais cruentos poemas é o “Fado do boi”, o qual narra e pranteia seu sacrifício desde o

antigo Egito, acompanhado de nossa milenar insensibilidade. Lemos na primeira estrofe:

*Perdoai-nos, que em nossas mãos
sereis castrados. Perdoai-nos, que
por nossas mãos tereis os chifres
arrancados e o couro marcado
a ferro quente (sem anestesia, é claro.)*

Dentre as numerosas personagens convocadas à ronda da morte, para saudar a matéria liberta da alma extinta, comparece um companheiro fiel de Manuel Bandeira, que sempre o escoltava em vida:

*Ironia, vão-se os dedos,
os olhos, a carne, o pensamento,*

*e fica o guarda-chuva (ninguém
o levou ao sepultamento do amigo),*

*silencioso,
num canto.*

Prosseguindo em nossa leitura, adentramos *Sentimental* (2012), justamente agraciado com o prêmio Portugal Telecom. O título pode nos confundir: o que quer dizer “sentimental”, em um livro duro, de desencanto? O coração, “quase só músculo”, que é preciso morder com força, reza o poema de abertura. Adiante, ele é “sangue e bomba só,/ como no peito de um bicho que é apenas isso.” Compreenda-se o termo de acordo com a definição de Schiller: em oposição a ingênuo, pois o que antes era canto do mundo, fundido à natureza, aqui significa reflexivo, crítico, elegíaco, sarcástico.

Os deuses, a psicanálise, o marxismo – todas as certezas abandonaram o poeta. Sobrou Madame Thalita, “que garante trazer/ a pessoa amada em apenas três dias”, afirma zombeteiro, para depois concluir que “nem ela nem ninguém” “traz os dias de volta”. O destino apenas, sem explicação ou clemência, quando “os dias quebravam contra sua cara”. Nem viagens ou sonhos trazem alívio às relações desconsoladas. Agora o subjuntivo aponta sua flecha para a direção do desterro, uma vez que o poema não fabrica mais felicidade, pois as palavras vieram tarde e não mordem o real. Nada salvará do tempo implacável: “jamais voltaremos à casa dos nossos dias.” Para o final, porém, alguns poemas leves, brincalhões, alternam-se com esse tom de desgosto.

Faz tempo que não se via o cometa, a flor da meia-noite, o poeta visio-nário. Por isso, falar sobre algo tão raro é um imenso desafio. A qualidade de sua produção atual demandaria que se focalizasse cada poema, o qual mereceria ruminação, espanto, volteios. Embora a vontade de se deter para admirar o particular nos tentasse em tantas páginas, nossa tarefa foi tentar delinear um mapa, uma carta de navegação, que equilibrasse as distâncias entre as partes e o todo para apreender um contorno global.

Na verdade, considero esta obra tão brilhante na sua diversidade e agudeza, na delícia de descobri-la em seus movimentos complexos, que melhor seria permanecer em sua releitura, para deslumbrar-se com as facetas inesperadas com que nos deparamos, multifoliadas, a cada verso.

Exploradora novata, apenas estabeleci um contato inicial com a geografia acidentada deste vasto território. Nossa leitura arranha o terreno, em sua primeira aventura tímida, possuída pelo encantamento das descobertas. Pudéssemos nós contemplar uma vez que fosse a rosa amarela que, segundo Borges, o poeta Marino finalmente enxergou em toda sua maravilha, desnuda e silenciosa, anterior a todo conceito e explicação. Renegou então todas as metáforas, toda a retórica que antes ciosamente urdida. Como o astronauta ao voltar da lua, aterrissamos cheios de admiração pela visão renovada do mundo que o poeta nos concede:

*Yuri viu que a Terra é azul e disse a Terra é azul.
Depois disso, ao ver que a folha era verde disse
a folha é verde, via que a água era transparente*

*e dizia a água é transparente via a chuva que caía
e dizia a chuva está caindo via que a noite surgia
e dizia lá vem a noite, por isso uns amigos diziam*

*que Yuri era só obviedades enquanto outros
atestavam que tolo se limitava a tautologias
e inimigos juravam que Yuri era um idiota*

*que se comovia mais que o esperado; chorava
nos museus, teatros, diante da televisão, alguém
varrendo a manhã, cafés vazios no fim da noite,*

*sacos de carvão; a neve caindo, dizia é branca
a neve e chorava; se estava triste, se alegre,
essa mágoa; mas se via um besouro dizia*

um besouro e ria [...]

Ao terminar nosso preâmbulo de leitura, fechamos a cortina do texto deixando no palco esses primeiros versos de “*El laberinto de la soledad*” (*Sentimental*).



O poeta Eucanaã Ferraz

ASSOMBRO

Choro por ser assim não durmo por ser assim
dói por ser assim aparições se quebram no instante
mesmo em que os olhos se abrem não há tempo
de abrir a porta para que entrem as flores
que parecem novas no vento que nunca volta.

Choro por ser assim e muito embora fosse frio
eu queria outra vez as noites os cabelos a mesma
pedra a mesma água lamento choro sou esta criança
que de repente viu tudo e perdeu porque o rio não volta
sempre não volta há que se resignar.

Eu me resigno.
Eu não choro.

(Poema inédito de Eucanaã Ferraz)

VIVIANE BOSI

paulista, é professora associada do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Universidade de São Paulo. Publicou *John Ashbery, um módulo para o vento*, *Sereia de papel: visões de Ana Cristina Cesar* (livro coletivo), além de vários estudos sobre poetas brasileiros.

NATUREZA

CONTO DE PATRICIA MAÊS

Ela estava tonta de vinho, e olhava as iluminuras na parede do corredor dos quartos, sem conseguir focar muito a visão, mas tentando achar um estímulo qualquer para não seguir adiante até a sua cama. Resistia como podia ao sono, achava que acabar a noite por ali, sem aproveitar mais a ocasião e a presença dos convidados, seria um desperdício. Deu meia volta e percorreu o longo corredor novamente, no sentido oposto. Uma olhada panorâmica na sala, a imagem das pessoas conversando, brindando pela milésima vez a seus anseios mais antigos, com humor e esperança, e ela foi juntar-se a eles.

Contou a uma amiga sobre um lindo quadro no vestíbulo e o quanto aquilo lhe lembrava a ilha de suas férias na infância, o lugar onde ficou conhecendo as piores dores físicas de sua vida inteira por causa da picada de uma cobra, mas como nem isso suplantou as memórias boas da beleza e paz que uma natureza nada rude lhe apresentava todos os anos. A natureza não pode ser rude, complementou à amiga. E mudaram de assunto.

Ao contrário do que era de se esperar, resolveu servir-se de mais vinho, e inventou um brinde para o qual chamou todos os demais. “À vida selvagem!”, e todos brindaram sem entender o motivo dessa exclamação. Antes brindavam aos seus livros, aos seus projetos mais recentes, às propostas de patrocínios, aos filmes do ano, aos prêmios literários.

E ela seguiu em frente, olhou pela janela e sentiu o frio que fazia lá fora. Secretamente, com seus botões, cochichou que em qualquer lugar que estivesse sempre seria o mesmo encontro com a natureza. Pois os meandros dos laços que unem as pessoas, os delicados fios a unirem uns aos outros, as intenções sublinhadas e as disfarçadas, qualquer enlace, tudo era de total afinidade com os temperamentos da vida natural, uma vez que eram uma teia onde tudo estava sendo tecido de acordo com algumas outras coisas, tudo em conjunto e se delineando à base de dependências e secretas paixões também secretamente compartilhadas.

Os seres afins se aliam na medida em que reconhecem suas paixões em comum. Ela olha de novo a sala cheia e reconhece claramente que ali, o que faz a ponte entre cada participante da grande festa é o amor por belezas e coisas surpreendentes. Cada um naquele ambiente trabalhava em torno de uma ideia de novidade antes de qualquer outra coisa, cada um querendo descobrir o que surpreenderia a todos os outros no momento seguinte. E eis o paralelo com a natureza, onde a sobrevivência é determinada pelo aguçar da capacidade de cada espécie de se superar em função da outra, ainda que cada um pareça alienado em seu próprio universo indivisível. A teia não segrega ninguém, e todos são interdependentes.

Lutando contra o sono, caminhou novamente através da sala, foi chamada umas três vezes pelos convidados alegres, querendo sua opinião sobre algum assunto igualmente alegre, o que a fez então desacreditar no paralelo estabelecido até então. No mundo natural não são todos tão felizes assim, o tempo todo. E aliás, a felicidade constante não é coisa muito verdadeira. Por que todos riem tanto? Ela mesma se sentia alegre, senão nem daria a festa, mas essa inquietação por arreganhar os dentes lhe causa um escancarado desconforto. Talvez alguém tenha percebido o seu passar reto pelo meio das perguntas transbordantes de uma euforia um pouco exagerada. E ela volta enfim ao seu corredor cheio de quadros nos quais não consegue focar bem. Encosta-se na parede e observa a iluminura em frente, as pinceladas de dourado saltando no meio de figuras embaçadas, e pensa. Não posso me retirar definitivamente, seria estranho demais, mas também não sei mais voltar. No quadro, a imagem de uma mulher de mãos estendidas faz todo o sentido enquanto ela mesma estende um ou dois clamores em voz baixa, pedindo perdão a todos e a si mesma. Não por não saber voltar, mas por enxergar na interdependência entre todos os seres também suas covardias e pequenas condescendências permeando as relações em nome da conveniência. Tudo seria perdoável se as pessoas se arreganhassem em sorrisos e gritinhos entusiasmados pelo simples gosto da manutenção das boas relações e a virtude da convivência pacífica e respeitosa em relação às diferenças de cada um. E cada um quer realmente ser diferente, tanto



Na lei dessa selva de
humanidades tão sensíveis,
cada membro tem lá seu
discernimento para as
verdadeiras virtudes
de cada um, saberes da
alma, independentes até
da excelência como se
expressam artisticamente.
Um aceno de alento se
aproxima dela, acarinhando
e acalmando do paralelo
feito entre a natureza
propriamente dita e a
natureza das relações
entre seus amigos. A teia
que a envolve e a absorve
não é tão crua, uma vez
que todos são lapidados.
Mas então é isso!

quanto quer ser mais surpreendente, como mecanismo de sobrevivência naquela selva de perigos camuflados. Mas não é simplesmente a boa convivência. Até que ponto essas pessoas sairão desta noite abençoada de tantos espíritos que procuram se aperfeiçoar através de sua arte, e se reúnem denotando comunhão, mais ricas de verdadeiro amor? Sim, porque seria o amor compartilhado o ingrediente da teia a acrescentar através de seus delicados fios entre os presentes, o melhor de toda essa alegria encenada. Encenada tão convincentemente, aliás, que ela se sente até maculada em excesso pelo espírito crítico ao chamar de representação, o regozijo de cada um ao se expressar em parceria com as almas afins ao redor.

Nesse corredor ela está quase encurralada, não sabe mais sair. Com o copo na mão, trôpega, ouve os sons da festa e torce para alguém aparecer, assim talvez quem sabe, surja uma oportunidade de deixar esse transe deslocado. Nunca se sentiu assim antes, nunca esteve em desalinho com suas reuniões de amigos, amigos a quem ama sem reservas.

A cada gole uma lembrança de momentos doces vivenciados junto ao grupo esperando na sala. Como são todos tão envolventes, pensa. Então qual a razão de ficar ensimesmada logo agora? E de repente ficou impossível sorrir, como se tomada de uma crise de depressão súbita. Ela está perdida. Perdida na natureza com a qual pensara a vida toda saber lidar, mas que na verdade a assusta pela quantidade de imprevisibilidade que comporta.

O animal social que somos não nos dá muitas possibilidades na vida a não ser estarmos constantemente enturmados e levando uma vida razoavelmente dentro dos padrões daqueles a quem nos ligamos. E isso ela faz bem, é de todos ali uma das figuras mais admiráveis, como sempre percebeu com orgulho. Mas até que ponto não é mesmo isso que a prende ao mundo das relações, ou seja, uma sorte de ter como se comportar de forma a se fazer apreciável? E o que determina essa sorte? Sim, porque tantos não têm a oportunidade de se fazerem admiráveis, e não por não serem assim, mas por pura falta dos elementos mais básicos para que se apresentem dentro dos limites da aceitação.

E esses limites não são de forma alguma democráticos. O paraíso a expulsaria se ela não tivesse nada, não tivesse sequer essas iluminuras para olhar enquanto cruza um simples corredor. A mulher de mãos estendidas lhe estende, há muito, várias oportunidades de conhecer o carinho verdadeiro. Não é a sua inteligência apenas, não é a sua simpatia. O que seria de seu tão apurado gosto se não tivesse como mantê-lo? Quem poderia reconhecer esse gosto depurado nela? De que valeria tanto apreço pelo engenho de seus companheiros, se não tivesse nada que apoiasse materialmente os seus próprios talentos para que eles também pudessem ser admirados?

Não, isso não pode ser assim. Na lei dessa selva de humanidades tão sensíveis, cada membro tem lá seu discernimento para as verdadeiras virtudes de cada um, saberes da alma, independentes até da excelência como se expressam artisticamente. Um aceno de alento se aproxima dela, acarinhando e acalmando do paralelo feito entre a natureza propriamente dita e a natureza das relações entre seus amigos. A teia que a envolve e a absorve não é tão crua, uma vez que todos são lapidados. Mas então é isso! Por serem tão lapidados como poderiam não camuflar opiniões por alguma razão incabíveis dentro das regras do círculo, e complacentemente deixar passar um ou outro desagrado? Então há uma regra nunca quebrada, e isso sim tem tudo a ver com a realidade do mundo natural, onde espécies convivem dividindo o habitat porque se ajudam no equilíbrio da cadeia alimentar, por exemplo. O equilíbrio é tênue, é preciso ser estudado atentamente para ser compreendido, e nele uma pequena falha no ritmo de seu pêndulo oscilante e determinante da ordem entre todos, desencadeia um fenômeno de efeito quase sempre desastroso.

A vida entre os animais é perigosa, ainda que todos se amem. São tantas as suscetibilidades de cada membro do grupo que nem na ilha onde conheceu a maior das dores físicas de toda sua vida, ela estaria tão exposta a ser atingida em algum dos seus pontos fracos, não muitos, mas significativos. Ela diria que seu temor se concentra na questão de ter os meios, pois se aterroriza quando pensa que seria vista

com outros olhos se não tivesse esse mesmo corredor como refúgio. O corredor diz muito sobre sua vida. Ele contém fotos de momentos de sucesso, contém pinturas adquiridas a altos custos, contém a seleção das iluminuras trazidas de lugares distantes. Ela tem um aparato que comprova seu gosto pelo belo e pelo caro. Seu medo é o de um dia precisar se desnudar de todo esse aparato e perceber que de sua fulgurante personalidade nada mais restou de apetível ao critério de artigo interessante no meio aonde vive. E o medo é real.

Ali em frente à mulher de braços estendidos, ela está paralisada e crente de que se subitamente passasse a ter nada, nada valeria. Mas seus braços não se estendem com a mesma facilidade. Sente nesse momento que então é melhor nem desejar mais pertencer a tal grupo ou a grupo nenhum, se for para depender das possibilidades materiais para ser querida. Sua casa determina a importância que ela tem, sua cadeira preferida lá na sala indica a nobreza que vem de longe, os cristais nas mãos de cada um se referem ao sucesso que precede cada amizade. E nesse corredor, de súbito, ela tem a verdade escancarada na sua frente, como num quadro realista e que não tem duas interpretações, todo o esquema por onde se movimenta com tanta segurança e elegância a atemoriza porque tudo é demasiadamente dependente de fatores extra pessoais para o querer bem, e justamente entre pessoas que se julgam tão especiais.

O mundo é demasiadamente instável. E se seus queridos amigos também perdessem tudo? E se alguém precisasse ser visto além de seus sucessos? É aceitável não ter sucesso material e mesmo assim não ser considerado um medíocre? O que determina o valor de um ser humano? O peso das coisas que carrega dentro de seu coração ou o peso do que carrega dentro de sua casa?

E finalmente ela estende os braços, deixa cair o copo, e pede baixinho, à mulher do quadro, que isso nunca aconteça, que sua imagem nunca falte, que nenhum quadro daquele corredor nunca falte, pois ela ficaria sozinha se nunca mais tivesse a casa decorada com tamanho requinte. Não, ela volta atrás. E pega o

copo no chão. Mas se for assim não vale a pena. As coisas materiais que expressam o tamanho do seu sucesso são perecíveis, estão sujeitas a mudanças e desvalorização, dependendo de fatores tão externos a esse mundo das coisas agradáveis, das belezas e das capacidades de compreensão do mundo. Assim ela não quer.

A alegria corre sérios riscos desde que instaurada, as pessoas presentes não se dão conta do perigo que ronda o mundo. A vida não deveria ser assim, mas é por nossa pura falta de reflexão que acaba sendo. E é degradante dependermos da aparência, da sugestão, da representação da alegria e da felicidade, do bem estar e da sanidade acima de qualquer suspeita.

O corredor sufoca, as iluminuras se desfiguram cada vez mais, e aquelas pinceladas de dourado aguçam o medo do infortúnio. O que seria mais dourado do que esse tempo em que desfruta disso tudo, e goza da afinidade com outros seres que admira tanto? O seu corpo começa a responder ao medo, depois dessa constatação da fatalidade de viver no círculo perfeito que a despejaria ao menor indício de ruína. E ela sente muito enjoo, senta-se no chão e sem defesas se entrega a uma decompostura de quem está derrotada. Os risos continuam vindo da sala, as pessoas talvez notem sua ausência, mas ninguém veio ver o que se passa. E assim ela está entregue, quase como se já tivesse realmente perdido tudo, uma vez que tudo perdeu a graça. Como crer de novo ser uma pessoa amada? Agora viu o tanto que o carinho recebido por anos e anos foi só um reflexo da admiração que todos sentiam pelo entorno que a tornava poderosa e feita de um material mais sólido do que os desafortunados que pairam em suas instáveis redomas de nada. Ela tira os sapatos e deita no chão, sentindo pena por todos, e muito desgosto.

Até que alguém aparece na ponta do corredor.

— O que aconteceu? Por que você está assim?

E a pessoa se aproxima já pegando em seus braços, querendo ajudá-la a se levantar.

— Eu estou passando mal.

— Quer que eu chame um médico?

— Não precisa, isso vai passar.

— Foi a bebida?

— Não. Foi tudo. Não foi nada. Por favor me ajude a me juntar a todos novamente, não consegui voltar à festa sozinha.

— Claro, venha! Você consegue andar?

E num impulso, apoiando-se no braço da amiga, ela se põe em pé, pega o copo do chão mais uma vez, calça seus sapatos, e segue pelo corredor até avistar a sala aberta a as pessoas tão sorridentes ainda brindando expressivamente à coisas de natureza tão volátil, seus sucessos. Mas ela sabe que ama o mundo em que vive.

— Olha, gente! Quem eu achei escondidinha lá dentro.

— Onde você estava, minha querida? Nos deixou aqui esperando por você!

— Eu apenas fui descansar um pouquinho, mas agora, chega! Quero beber mais e compartilhar de toda essa euforia. A vibração positiva é tão forte que eu me reanimei imediatamente assim que olhei vocês.

E seu copo foi reabastecido fartamente de vinho tinto e de um aroma inebriante. Como é boa a vida entre seus convivas.

Deixou os medos para trás? Não. Ainda sabe e vai saber para sempre dos perigos dessa selva onde tudo o que é, por muito pouco já não seria mais. Todos estão fazendo seus papéis eficazmente, e se valendo de seus aparatos materiais possíveis para garantir sua permanência na teia glamorosa que farta a todos de atenção e distinção.

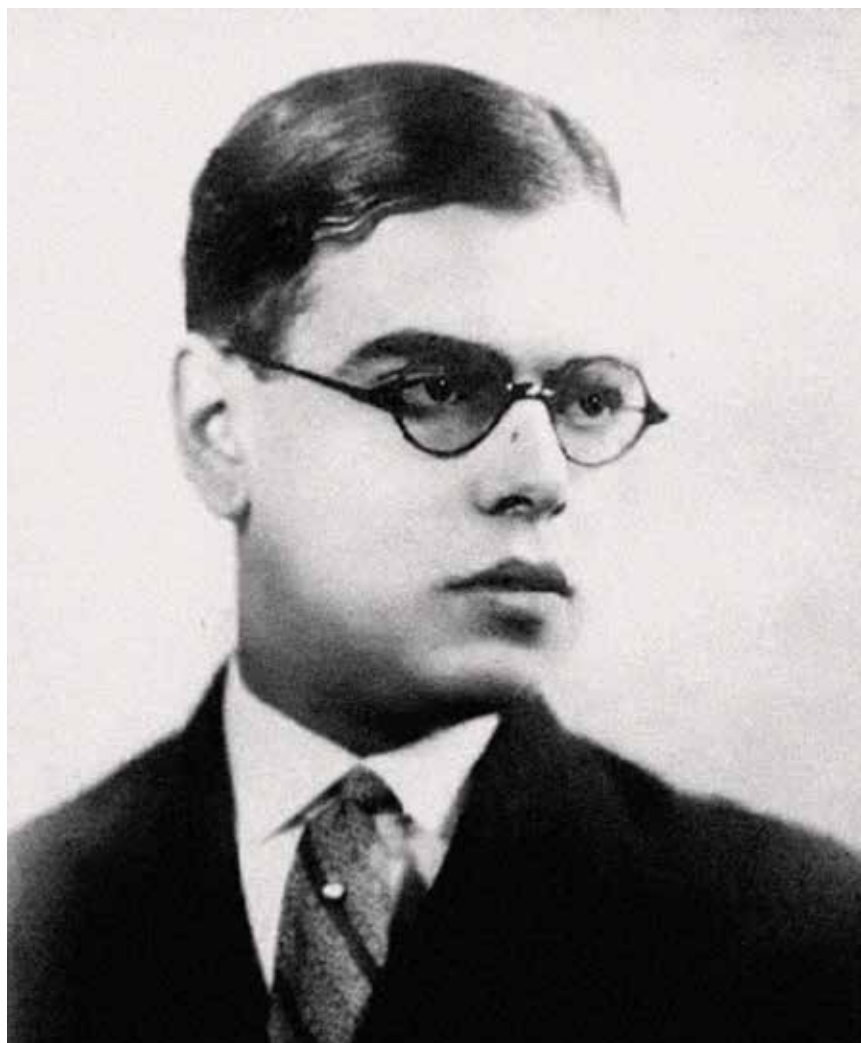
Ela promove um brinde, que mais uma vez surpreende e não diz nada a nenhum presente ali:

— À natureza selvagem!

PATRICIA MAÊS

paulistana, é escritora e musicista. Publicou, pela Editora Cubzac, o livro de contos *O Céu é Meu* (2013) e o romance *Tempos de Olívia* (2016).

DE GAETANINHO A MISS CORISCO



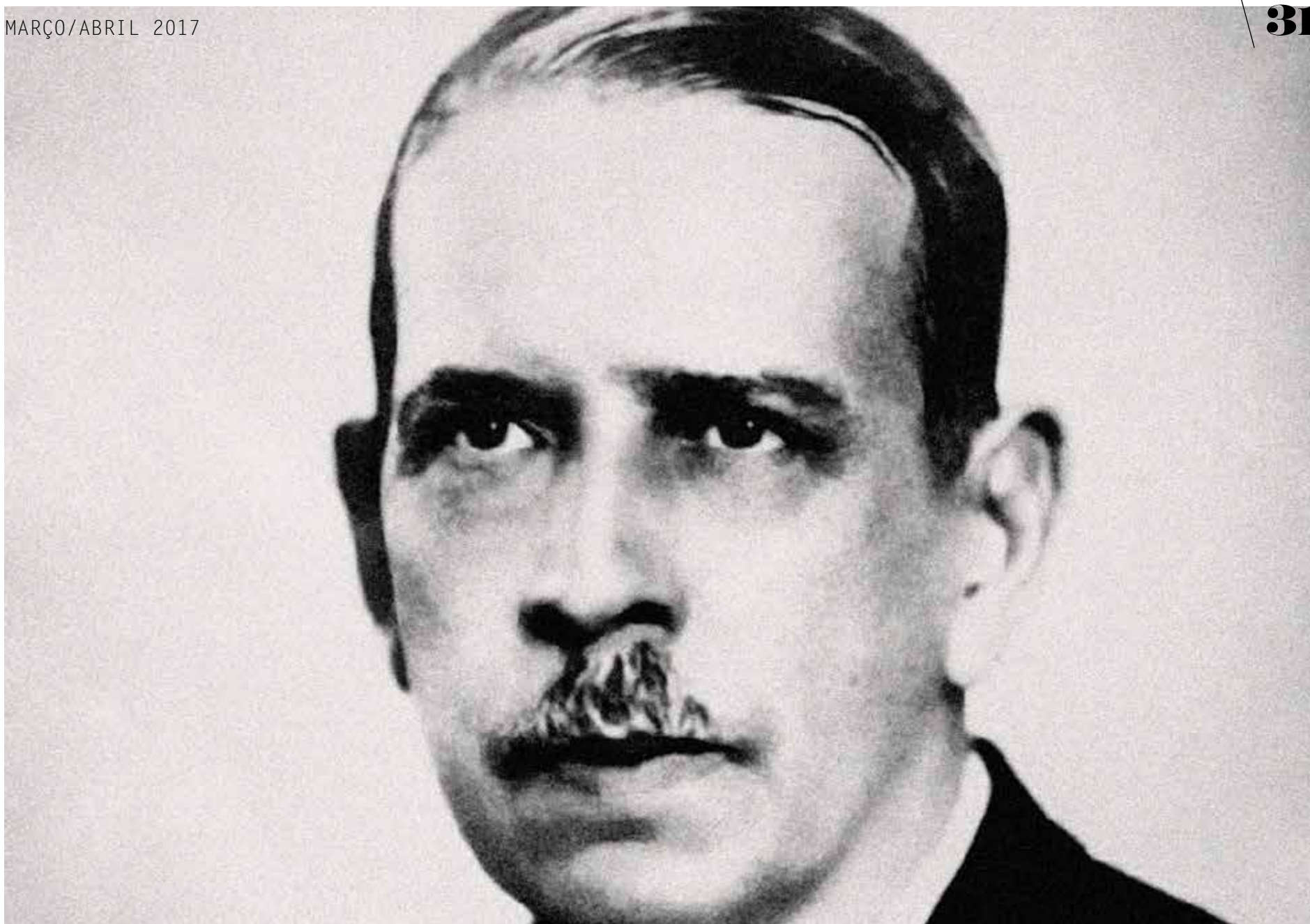
ELOÉSIO PAULO

A cena em que a estátua de Garibaldi acaba – depois de alguma discussão – figurando no retrato da família interiorana em visita a São Paulo, no conto “O ingênuo Dagoberto”, de *Laranja da China* (1928), é emblemática do movimento da ficção escrita por Antônio de Alcântara Machado. O “general italiano muito amigo do Brasil”, imobilizado pela História e coadjuvante da filharada paulista da gema (isto é, caipira) de Dagoberto e Silvana, representa bem o desaparecimento gradativo do imigrante que, na primeira coletânea do autor, *Brás, Bexiga e Barra Funda* (1927), estivera no primeiro plano de vários contos.

Alcântara Machado, nascido em 1901 e filho de uma tradicional família paulistana, não foi o primeiro escritor brasileiro a tematizar a imigração italiana. Muito antes, Aluísio Azevedo já incluía em *O Cortiço* (1890) cenas protagonizadas por falantes daquele “português macarrônico” que também seria o dialeto satírico de Juó Bananére, autor dos poemas de *La Divina Incredula* (1915). Bananére foi, na vida real, outro paulistano: Alexandre Ribeiro Marcondes Machado, engenheiro e poeta, para Alcântara “o melhor cronista da cidade”. A imigração atraiu também as atenções Mário e Oswald de Andrade, mas em nenhum deles teve a importância que lhe é atribuída em *Brás, Bexiga e Barra Funda*, do qual é mais que tema: é a própria substância de uma representação ao mesmo tempo amorosa e modernista de São Paulo.

Mas os italianos, já considerados pelo autor, em crônica de 1924, uma “gente inflamada e espalhafatosa”, começam a perder o protagonismo ainda naquele livro. O conto que o encerra intitula-se “Nacionalidade” e relata como o barbeiro Tranquillo Zampinetti, de nacionalista entusiasmado com os comunicados de guerra da Fanfulla, o jornal dos imigrantes, passa a proprietário de imóveis em São Paulo, depois a eleitor e finalmente a brasileiro naturalizado. Essa narrativa sintetiza a tarefa dos “novos mamalucos” homenageados no prólogo da coletânea: assimilar a pequena Itália dos bairros paulistanos ao novo Brasil do progresso industrial que suscitara a própria vinda dos imigrantes.

O elemento italiano jamais desaparecerá completamente da obra ficcional de Alcântara Machado, porém se tornará cada vez mais residual, assim como as marcas da linguagem vanguardista já importantes em *Pathé Baby* (1926), livro que consiste na compilação das notas de viagem publicadas em primeira versão no *Jornal do Comércio*, com o qual o autor colaborava desde os 21 anos, ainda estudante de Direito, e a princípio na condição de crítico literário e teatral. O fenômeno da imigração foi o mirante privilegiado que o ficcionista encontrou para retratar São Paulo, um tanto movido pela admiração ao desenhista Lemmo Lemmi, apelidado Voltolino, declarada com emoção no primeiro dos rodapés publicados no mesmo jornal, na seção Saxofone, depois reintitulada (por nacionalismo) Cavaquinho.



Cronista “entre amorável e sardônico” (a definição é de Luís Toledo Machado) da cidade é o que foi, principalmente, Antônio de Alcântara Machado, e o fato de a imigração ter sido por ele percebida como novidade fadada ao rápido desaparecimento explica em boa parte a opção temática de *Brás, Bexiga e Barra Funda*. Daí também o escritor ter feito questão, no prólogo chamado “Artigo de fundo”, de afirmar que o livro “nasceu jornal” e que os contos nele reunidos eram “notícias”. Alcântara foi também um fino teórico, embora não se tenha dedicado à teoria com o zelo apostólico de Mário de Andrade ou a verve agressiva de Oswald. Em sua profissão de fé no jornalismo como matéria-prima da ficção, opinou ter a imprensa vindo demonstrar, na exposição do “drama cotidiano” antes mal percebido pelo público, que “a chamada invenção literária nunca existiu”. O trabalho jornalístico explica não apenas onde o autor buscou boa parte dos temas de sua ficção, mas também a maneira pessoal como aproveitou as possibilidades abertas pela arte de vanguarda à técnica narrativa.

Em *Pathé Baby* o próprio título (referente a um modelo de câmera cinematográfica) já indicia, assim como o andamento oswaldiano da frase e a preferência pelo lado feio e extra-oficial da Europa, as afinidades do autor com o ímpeto renovador do Modernismo. Brito Broca saudou o desassombro de Alcântara Machado em denunciar o que havia de “bestice” na sacralização – para a mentalidade que o próprio escritor batizou de “totemismo alienígena” – da cultura europeia.

Sem ter participado da Semana de 22, o estudante da emblemática faculdade de direito do Largo de São Francisco, onde lecionaram seu pai e seu avô, logo estaria atento à necessidade de denunciar a taca- nezh provinciana dos “bocós do passadismo indígena” e o estilo que Paulo Prado apelidara “eloquência barroca e roçagante”. Aquele rapaz de boa família tinha um espírito aparentado à irreverência dos intelectuais que, um pouco mais velhos, deflagraram o movimento modernista, reduzido pela ignorância tropical a “futurismo”. E foi a partir dos recursos gráficos da imprensa, assim como da dissonância do italiano ainda ouvido com frequência em meio ao burburinho da metrópole em formação, que o contista forjou sua versão muito pessoal do que devia ser a vanguarda brasileira. Atento e informado, andou elogiando os experimentos narrativos de Blaise Cendrars e John Dos Passos antes de se aventurar na ficção.

“Gaetaninho” e “Carmela”, os dois primeiros contos de *Brás, Bexiga e Barra Funda*, foram publicados em primeira versão no Jornal do Comércio, assim como “Lisetta” e os esboços de alguns dos perfis que compõem *Laranja da China*. O recorte dos elementos essenciais, na primeira obra, evidencia a intenção do ficcionista de reduzir o texto aos fatos; afinal, em um artigo ele já reclamara da “morte dos fatos” na literatura, afogados pelo excesso de psicologia.

Em *Brás, Bexiga e Barra Funda* há muita ação e pouca descrição. O estilo é telegráfico e as frases, predominantemente assindéticas. Cada texto

O título *Laranja da China*

indica uma inflexão

temática. Não mais veremos

em foco o italiano e seus

descendentes, mas sim o

paulista em sua ligação

problemática com o Brasil.

“Laranja da china” é a

expressão que inicia uma

paródia popular do Hino

Nacional, anteriormente

citada por Mário de

Andrade em poema de

Pauliceia Desvairada (1922).

é uma sequência de cenas rápidas, sendo os cortes marcados por brancos na página. Montagem cinematográfica. A linguagem da narrativa incorpora elementos icônicos como a transcrição de placas, anúncios e até um convite de casamento – este, no conto “A sociedade”, faz as vezes do relato de uma união cuja recusa, pela mãe da noiva, fora a fala inicial: efetiva-se pela via do interesse econômico a aliança da família local, cujo status deriva do patrimônio herdado, com a do empreendedor Salvatore Melli, a princípio desqualificado por ser imigrante. O tema da ascensão social também está no centro de “Armazém Progresso de São Paulo”, que expõe sem atenuantes o arrivismo oportunista, a confinar com a desonestidade pura, de um casal de comerciantes italianos.

Além do elemento visual, a onomatopeia é frequente nos contos e contribui para a concretude das cenas compostas por Alcântara. O apito do juiz soa ao vivo em “Corinthians (2) vs. Palestra (1)”. A buzina do Lancia Lambda, com seu “Úiiiiia-úiiiiia”, presentifica a sinalização amorosa de Adriano Melli. A propósito, numa inversão do fascínio futurista pela máquina, nesse conto, como em “O monstro de rodas” e em “Carmela”, o automóvel aparece como signo da violência e da conquista representadas sem idealização.

O discurso direto, avultando a importância das frases em italiano, reflete a experiência do ficcionista como crítico teatral. Mas é um erro equiparar seus italianismos aos que ocorrem na “salada ítalo-paulistana” de Juó Bananére: os italianos de *Brás*, *Bexiga* e *Barra Funda* falam a língua padrão, de maneira a conferir verossimilhança aos diálogos. As falas em italiano contêm modulações precisas de sentimento e posição existencial, fazem parte da escrupulosa economia de meios que tornam o livro magrinho uma obra-prima. O verbo ammazare, por exemplo, é empregado em “Lisetta” (com um m de menos) na mesma conotação que tem no uso coloquial, significando “matar”: – Stai ferma o ti amazzo, parola d’onore!

O título *Laranja da China* indica uma inflexão temática. Não mais veremos em foco o italiano e seus descendentes, mas sim o paulista em sua ligação problemática com o Brasil. “Laranja da china” é a expressão que inicia uma paródia popular do Hino Nacional, anteriormente citada por Mário de Andrade em poema de *Pauliceia Desvairada* (1922).

A inflexão, claro, não é apenas temática. Além de agora privilegiar sátiras individualizadas, Alcântara Machado reduz a quase nada os efeitos vanguardistas do texto, declarando sua independência definitiva em relação à corrente principal do Modernismo. Independência que resulta, por exemplo, no primor de técnica narrativa que é o diálogo em família a propósito da ida a um baile de carnaval, em “O mártir Jesus”.

As personagens retratadas em *Laranja da China* são paulistas que quase já poderiam ser brasileiros quaisquer, pelo pouco que têm de

cor local. Em alguns casos, o próprio choque do nome com o sobrenome evidencia a intenção satírica: Robespierre dos Anjos é uma contradição em termos, assim como o fato de um “patriota” se chamar Washington. E ambos são sujeitinhos medíocres, perdidos nos meandros de sua própria insignificância. A seguir vêm a mocinha fútil, o menino mimado, o pequeno funcionário endividado, o magistrado metido a poeta, o sujeito sem coragem para abordar uma prostituta... A galeria de *Laranja da China* contém os elementos que tendiam a tornar-se dominantes na ficção do autor caso a morte não o tivesse abatido aos 35 anos por completar, e mais empenhado na política que na literatura.

Alcântara Machado se tornou, especialmente pelo romance inacabado *Mana Maria*, de publicação póstuma, a imagem de uma grande ficção que podia ter sido e que não foi. Seus contos publicados em jornais e revistas, faltos de acabamento mesmo na edição das *Novelas Paulistanas* atualizada em

1988, indicam o rumo provável dessa importante obra interrompida pela fatalidade: uma ampliação crescente de escopo temático, sem perda do inicial ímpeto crítico e criativo que fazia do autor, na opinião de Sérgio Buarque de Holanda quando se publicou o *Pathé Baby*, o escritor mais interessante do Modernismo brasileiro. “Miss Corisco” é uma caricatura da imprensa provinciana e dos concursos de beleza; “Apólogo brasileiro sem véu de alegoria”, consumada sátira social. Mas uma cena, especialmente, atesta a grandeza do ficcionista que perdemos; é a passagem de Esmeralda do devaneio ao sonho, em “As cinco painéis de ouro”, conto cuja matéria transbordante quase daria para um romance.

A paulistanidade de Alcântara Machado tem resultado, em leituras de sua obra excessivamente preocupadas com o enquadramento do autor no Modernismo, em rotulagens apressadas do contista admirável, que se arriscam a reduzi-lo a um epígono do Futurismo ou a fenômeno literário de interesse restrito a São Paulo. A evolução de sua contística, porém, evidencia uma ampliação de escopo que, de “Gaetaninho” a “Miss Corisco”, que faz o “cronista” da *Pauliceia* merecedor de leituras mais cuidadosas que contribuam para seu reconhecimento como grande escritor brasileiro que foi.

ELOÉSIO PAULO

mineiro de Areado, é poeta e doutor em Letras pela Unicamp e professor da Universidade Federal de Alfenas (MG). Tem publicados diversos livros de poesia e de ensaios, além de incursões pela literatura infantil.

POEMAS DE ANTONIO RISÉRIO

AUTORRELEVO

Criptomaniaco – sou. E o que anuncio:
decifro qualquer esfinge.
Há quem acredite.
Mas, para dizer a verdade, minto.
É que a falácia muitas vezes
encanta os incautos.
E vou me divertindo como posso.
Contemplo estrelas em voo rasante.
Vejo mulheres instantâneas,
que dissolvem sem foder.
Desprezo pessoas térreas.
Ouço cintilar o aço das canções mais belas.
Amo um rosto que oscila a lucilar à luz solar.
E sei que todo telhado é de vidro.
Que todos os gatunos são pardos
nas noites brasileiras.
Que palavras me faltam
para agradecer
o que assassinos e suicidas
fazem por mim.
Em dias raros, no entanto,
sou quem destrama os fios,
quem desata os rios da meada,
quem refaz os riscos da memória,
quem duvida da vida
e desmente a morte.
Nesses dias,
astros brutais me revelam estupros astrais,
chagas de vulcão, segredos oceânicos
diante dos quais
até as mais estranhas trevas estremecem.
Mas, para que a gravidade não me tome
e escravize, volto logo ao jogo.
Numa infração de segundo,
recodifico fêmeas efêmeras.
E sou uma explosão de risos
girando em torno de nada.

PARA O MAR I

Países intraduzíveis
em seus caprichos
de treva e luz.

Pai de feitiços
em praias de coral.
Mãe de mistérios
de inúmeras cores negras.

Cama de deusas,
mina de deuses,
sob estrelas.

PARA O MAR II

Não direi areia,
nem arrecifes.

Mas céu de sereias,
celeiro de circes.

Nada de maré,
búzio nenhum.

Mas veias de vodum,
numa vulva azul.

PARA O MAR III

Águas marinhas
sobem acima
do nível do mar.

Sambaquis submersos
na memória das marés.

Barco sem saída
e eu aqui
nesse convés.

ANTONIO RISÉRIO

baiano de Salvador, é poeta, antropólogo, historiador e ensaísta. É autor de diversos livros, como *Que você é esse* (romance, Record, 2016), *Fetiche* (poesia, Fundação Casa de Jorge Amado, 1996), *Caymmi: Uma Utopia de Lugar* (Perspectiva, 1993) e *A cidade no Brasil* (Editora 34, 2012). Estes poemas são de seu novo livro, *Outrossim*, a sair em 2017.

A CIDADE LITERÁRIA DE BELO HORIZONTE

BEATRIZ DE ALMEIDA MAGALHÃES

O planejamento integral de uma cidade se inaugurou no Brasil com a Proclamação da República. Graças à disposição final do parágrafo 1º do artigo 2º do Decreto nº 7, que atribuiu aos governadores dos estados “ordenar a mudança de sua capital para o lugar que mais convier”, Minas Gerais, atendendo a interesses políticos e econômicos, se propôs a conceber nova e moderna capital, ordenada e progressista, condigna e representativa do regime instaurado. Para tanto, era imprescindível negar o frouxo modo de ocupação colonial português, vigente por quase 400 anos. Por ironia, os procedimentos urbanísticos convenientes ao ideário positivista adotados remontavam à Antiguidade e ao Barroco, acabando por levar a uma aproximação com o modo de ocupação colonial espanhol. Assim, justificativas discursivas, ordenação geométrica, arrasamento do preexistente, fundação, aceleração histórica e provimento populacional, aqui, pela primeira e de uma só vez, contrariaram a natureza local e toda uma gente sossegada em seu arruado, em suas moradias e atividades, seus costumes, comportamentos, ritmos... A mudança radical na materialidade territorial atingiu em cheio a materialidade humana autóctone, e não parou por aí. É preciso afirmar que a investida sem precedentes provocou reação imediata: a criação de uma cidade literária, também sem exemplo na história do país. Era premente transmutar em literatura o impacto de tamanha intervenção estatal, inaudita no território nacional.

A nomeação Cidade de Minas, cravada na planta de 1895 pela Comissão Construtora, fazia jus ao propósito federalista, mas não perdurou. Em 1901, voltou o nome anterior, Belo Horizonte, assumido logo após a Proclamação por decisão do Clube Republicano do arraial em substituição ao original, Curral del Rei, “para afastar tudo o que a trono cheirasse ou a rei se referisse”, como registrou a partir de 1895, no seu jornal pioneiro, o *Bello Horizonte*, inaugurado em 1895, o jovem negro Francisco Martins Dias, vigário da freguesia, republicano e importante testemunha, em artigos coligidos em 1897 no primeiro livro aqui publicado, *Traços históricos e descritivos de Bello Horizonte*. Por sua vez, o nome “Belo Horizonte” fora sabiamente interposto pelo Mestre de Primeiras Letras Daniel Luís Cornélio de Cerqueira, por referir a paisagem natural, a ordem próxima, e derrotara o favorito, “Novo Horizonte”, abstrata referência ao regime instaurado, a ordem distante. Era já indício

de salvífico recurso à palavra.

Começava a despontar aqui o destino literário que ainda hoje se cumpre. Algo grandioso se gestava, exigindo mais do que este par de palavras: Belo Horizonte e mais do que os “traços históricos e descritivos” que o padre jornalista, benjaminiano *avant la lettre*, providenciava antes que a memória do lugar fosse tragada num átimo e para sempre.

É, pois, assombrosa a imediatez da resposta literária ao avassalador processo da construção. A primeira obra ficcional, *A Capital*, escrita ao passo da construção, refere também de imediato *O Capital*, pois nada é por acaso nesse romance do anarquista Avelino Fóscolo. Como a cidade, começa com o trem vindo da Capital Federal, meio vital para erguê-la, tendo sido a primeira estaca da cidade, aqui fincada em 1894, a da via férrea, inaugurada em 1895. A bordo da ficção de Fóscolo vêm três sabarenses – dois irmãos, um progressista, outro conservador, que vai sucumbir à mudança, e a mulher deste, filha de coronel. Tratava-se de ver, com olhar politizado, a passagem traumática da vida rural para a de “Ordem e Progresso” na nova cidade que Fóscolo, também benjaminiano *avant la lettre*, vê se erguer fantasmagórica.

Após a inauguração em 1897, Belo Horizonte, de fato tornada fantasmática, desertada de considerável contingente populacional ao término dos trabalhos, passou por longo período de estagnação. Ao final dos anos de 1920, o Estado achou por bem retomara intervenção na cidade, já bastante suprida em termos físicos, visando em especial à formação das mentalidades com vistas a torná-la de fato uma capital atraente, em especial para a juventude interiorana. Empreendeu profunda reforma administrativa e a modernização da educação: criou a Universidade de Minas Gerais e a Escola de Aperfeiçoamento, entre outros estabelecimentos educacionais, e promoveu reformas no ensino primário e normal em novos moldes nacionais e também internacionais, com a importação de recursos humanos na chamada Missão Pedagógica Europeia e com o envio de professoras para especialização no Teacher’s College da Universidade de Colúmbia.

Nesse período, e é preciso ressaltar, não por acaso, três romances reativos retomaram a construção da Belo Horizonte literária. Como no primeiro, por motivos óbvios, em todos eles a narrativa deixa para trás uma cidadezinha do interior e uma figura oligárquica.

República Decroly, de Moacir Andrade, retroage a uma interiorana

Itacoatinga para em seguida tornar Belo Horizonte em inteira abstração. Impresso em papel grosso, que lhe dá formato de tijolo, é uma blague atirada no Estado. Tratava-se de satirizar, em seu furor pedagógico, a burocracia, virtual máquina de moer pública que vitima a professorinha recém-chegada daquela fictícia cidadezinha, também filha de coronel, moradora do novo e avançado internato para moças que dá título ao romance.

Totônio Pacheco, de João Alphonsus, já se inicia em Belo Horizonte, em plena Avenida Afonso Pena, onde já circulam automóveis. Tratava-se de contrastar decadência rural e modernidade urbana, de voltar a Grota, fazenda próxima a Montanha, também ficcional, e de lá trazer e aniquilar, exemplarmente, o coronel epônimo, inadequado e simpático, cuja tinta dos cabelos, providenciada para impressionar jovem prostituta, se dissolve ao preparo do seu cadáver para o enterramento. *Morte em Veneza* junto ao Ribeirão do Arrudas.

O Amanuense Belmiro, de Cyro dos Anjos, tem também a família oligárquica deixada para trás em Vila Caraíbas, referente a Montes Claros, terra do autor, que o escreve enquanto ocupa função em secretaria do Estado. Mas o romance inicia-se, desenvolve-se e termina de modo singular, significativamente locado em relação à chamada “Cidade Geométrica”, e por essa razão destaca-se aqui.

fora duplamente eleito por Aarão Reis para ser sua moradia e centro do projeto. A cidade, sonhada ali, dali se originou. O Parque é concebido, de modo não declarado, mas legível, como prova e testemunha da sucessão dos Três Estados Positivos – Natureza, Razão e Sociedade –, diretores da cidade, articulados pela Lei de Auguste Comte, assim resumida: a superação do Natural pelo Racional para o Progresso Social. Primeiro dos três espaços correspondentes a essa equação, o Parque foi poupado – senão intencionalmente, de modo voluntário, se deduz – da racionalidade praticada em alto grau a partir do seu perímetro, definido pelo corte abrupto da “Avenida Mestra”, a Avenida Afonso Pena, onde começa e se irradia a divina claridade de essência barroca da Razão, do Estado.

E por que começar o romance no Parque? Assim teria respondido o narrador: Ora bolas! Um amanuense que se preze quer começar sua aventura depois do expediente e fora do ambiente do patrão. Geometria e volumetria que ele se esmera em ignorar, o tabuleiro de xadrez onde se dá a movimentação das peças do Estado. A protegido dele, ao ar livre. No Bar do Alemão.

Vai ser narrada em seções iniciadas por letra capitular, à maneira das iluminuras medievais, a história, anunciada no título, de um indivíduo que escreve textos à mão, atividade inerentemente sedentária. Por ironia, vai ser dado início à sua errância pela cidade. A ironia desponta no primeiro subtítulo, escrito em inglês, e segue adiante, como pode ser visto nos primeiros parágrafos.

§ 1. “MERRY CHRISTMAS!”

“Ali pelo oitavo chope, chegamos à conclusão de que todos os problemas eram insolúveis. Éramos quatro ou cinco, em torno de pequena mesa de ferro, no bar do Parque. Alegre véspera de Natal! As mulatas iam e vinham, com requebros, sorrindo dengosamente para os soldados do Regimento de Cavalaria. No caramanchão, outras dançavam maxixe com pretos reforçados, enquanto um cabra gordo, de melenas, fazia a vitrola funcionar.”

A história começa com a indeterminação de tempo, contado em chopes, e com a conclusão da insolubilidade existencial, filosofia instantânea também tirada como chope na roda de bar, por circunstâncias ainda em número indeterminado. Muito bem escolhido é o lugar para originar a história. Decorridos quarenta anos do início da construção da cidade (1894-1934),

Parque e Festas somam-se como *set*: tempo e espaço livres, fora da hegemonia do Estado, sem regra nem lei: Natal, bar a céu aberto, alegria na arquitetura leve do caramanchão, miscigenação, maxixe, dança animada,



Avenida Afonso Pena vista da Feira de Amostras em 1936 (Museu Abílio Barreto)

A narrativa se abre no único território preservado do arraial do Bello Horizonte na Zona Urbana, o Parque Municipal, a antiga Chácara do Sapo. Mantido natural, com brotas d'água, cascatas, trilhas e árvores nativas,



Acervo Beatriz de Almeida Magalhães

Jovens do interior no Bar do Alemão, Parque Municipal, em 1937 (Coleção da autora)

companheirada. Cercados por tudo que é nomádico, intuitivo, por essa sensualidade toda, são, entretanto, presos ao *logos*, à razão: trabalham no Estado, estão assentados e sentados, imersos em discurso filosófico. É fácil a associação ao Grupo dos Jovens Literatos Oficiais, ao qual pertence Cyro dos Anjos. Belmiro se alterna entre burocracia e poesia – o que se evidencia na interveniência de Redelvim. Saem espaço e tempo livres, entram espaço e tempo medidos:

– *Cidade besta, Belo Horizonte!* – exclamou Redelvim, consultando o relógio. – *A gente não tem para onde ir...*

– *Não acho!* – retrucou Silviano. – *Em Paris é a mesma coisa.*

– *Em Paris?* – perguntou Florêncio. – *Não sabia que você andou em Paris... É boa!*

– *Ó parvo, quero dizer que o problema é puramente interior, entende? Não está fora de nós, no espaço!*

O problema está, sim, “fora de nós”, integrado no espaço ordenado, no tempo dividido, no espaço-tempo distribuído, por isso “é a mesma coisa”, indistinto. Há um ponto a alcançar, “para onde ir”, próprio do *logos*. Para a tensão, Belmiro encontra saída rápida, a saída do Parque: “Disfarçando o mau epílogo da festa, alvitrei uma retirada em conjunto. [...] Um *Merry Christmas*, que me foi dito com uma palmadinha nas costas, por um cidadão que ia descer do bonde, fez-me lembrar que o próximo poste de parada era o da Rua Erê”. Está se definindo o nomadismo de Belmiro. Ele estará andando pela cidade sem vê-la, distraído do destino, desviado pela intervenção alheia ou pelo acaso, ou por ambos.

§ 2. O “EXCOMUNGADO”

Belmiro entra em casa cuidando de surpreender as irmãs, “mas a porta, impelida pelo vento, fechou-se atrás”. E “com estrépito”. Importa notar a materialidade da cena. Fechou-se atrás a sociabilidade boêmia, a contestação teológica, a abertura proporcionada pelos estudos e pela juventude vivida na Capital – facultados, ainda que sob reserva, apenas ao filho másculo –, e o amanuense é reduzido ao enquadramento da família, sendo saudado pela irmã mais velha, Emília, “apenas esquisita: O excomungado já vem!”. Dirigindo-se a ela e à outra irmã, Francisquinha, Belmiro compensa o *Merry Christmas* entreguista que ouviu na rua com irônica tradução integralista do Papai Noel: “Boa noite, meninas! Trouxe umas lembrancinhas de Papai Noel para vocês. Ou do Vovô Índio, conforme preferem os nacionalistas”. Diz Emília: “Olha o doido, olha o doido”. “Excentricidade”, “loucura” e “pecado” são atributos associados a quem não comunga com as regras do *logos*.

§ 3. O BORBA ERRADO

A materialidade persiste na narrativa: o que se tem agora é severidade de cadeira de palhinha. O ato de olhar quem passa na Rua Erê, nome real de via secundária no bairro do Prado, funciona como *madeleine* visual e às avessas: “Do alpendre da casa, na velha cadeira austríaca, fiquei a olhar os transeuntes. A Rua Erê não é atrativa, neste particular, com sua reduzida fauna humana. Talvez seja isso o que sempre me leva a passear o pensamento por outras ruas e por outros tempos. Como o Natal me fez saudosista! Eu fechava os olhos e a Ladeira da Conceição surgia, diante de mim, com a nitidez de um acontecimento matinal. Vila Caraíbas e seu cortejo de doces fantasmas.”

Belmiro qualifica, por sua vez, na genealogia, a inquietação que promove na linhagem familiar. “Borba errado” equivale à negação da vida agrícola sedentária, fixada ao solo, e também negação da tarefa de agrônomo ou agrimensor, próprias do *logos*, desejadas pelo pai: “Ficará nas letras agrícolas, repetia, satisfeito, por um lado com a associação verbal que descobrira, e, por outro, com o acordo, no sentido das aspirações da velha”. Nem uma coisa, estudo regular, nem outra, agricultura, cumpriu Belmiro. Paradoxal, sedentária e nomádica, a solução. Burocracia abominada pelo pai, poesia sonhada pela mãe: “Abandonei, porém, as letras agrícolas e entreguei-me a outra sorte de letras, nada rendosas. Pus-me a andar na companhia de literatos”.

§ 4. QUESTÃO DE OBSTETRÍCIA

De como a errância primeiro se deu de forma onírica, e ainda assim

matérica, nostálgica do útero: “Já estava palmilhando a terra vaga do sono [...]. [...] repetindo, instintivamente, as posições do embrião no ventre materno, quando, arrancando-me daquele suave quebranto, o cão dos fundos pôs-se a ladrar, com um método que indicava disposição sólida de latir pela madrugada toda.”

Em função de latidos, intervenção espacial intempestiva, infantil: sapato pela janela, para o lado errado, para o meio da Rua Erê. Crianças que jogam brinquedos para fora do berço querem sair. Mais coisa quer sair de dentro de Belmiro: “[...] a vida fecundou-me a seu modo, fazendo-me conceber qualquer coisa que já me está mexendo no ventre e reclama autonomia de espaço”. As referências de Belmiro não são casuais. A fábrica de calçados consta da Planta Geral de Belo Horizonte, de 1920, na Rua Platina: “[...] *On reviens toujours*: hoje recomeça a mesma aventura, no mesmo quarto envelhecido desta patética Rua Erê, enquanto as carrocinhas de pão começam a percorrer o Prado e os meus amigos operários devem estar procurando o caminho da fábrica. [...] Meu desejo, porém, não é cuidar do presente: gostaria de reviver o pequeno mundo carai-bano, que hoje avulta a meus olhos. Minha vida parou, e desde muito que me volto para o passado, perseguindo imagens fugitivas de um tempo que se foi. Procurando-o, procurarei a mim próprio.”

“*On reviens toujours*”: também não é casual a citação, início do título do prefácio do etnólogo alemão Karl von den Steinen ao seu livro *L'art du tatouage aux îles Marquises*, de 1925, que se completa com um francês tanto “chucrute”: “à ses premières (sic) amours!”. As primeiras palavras do prefácio, “D’un voyage autour du monde”, colocam em circuito a expressão de Belmiro, “mesma aventura, no mesmo quarto”, com os livros de Xavier de Maistre, *Voyage autour de ma chambre* e *Expédition nocturne autour de ma chambre*, e com os de Proust, *À la recherche du temps perdu*. O “Grand Tour” do amanuense pela literatura da “volta ao mundo” (de Steinen), no presente, e da “volta ao quarto” (de Maistre) e ao passado (de Proust), instrui o recomeço da busca do primeiro amor que Belmiro tentará resolver por meio da escrita enclausurada. Steineniana e maistreana viagem, proustiana busca. Desejo: “reviver o pequeno mundo carai-bano”. Método: “perseguindo imagens fugitivas de um tempo que se foi”. Objetivo: “Procurando-o, procurarei a mim próprio”. Mas serão a errância e o acaso que favorecerão o êxito da busca de Belmiro.

§ 5. ANO BOM

Belmiro desce da volta ao mundo de Steinen à volta ao redor do quarto de Maistre, à volta de uma galinha no galinheiro de Vila Caraíbas. O amanuense explica a sua opção pela materialidade na escrita. Associa seus percursos no espaço à alternância interna entre tempo passado e atual: “Depois de ter andado inquieto como uma galinha sem ninho [...], sem encontrar lugar no espaço!, pus-me a pensar no permanente conflito que há em mim, no domínio do tempo. [...], que minha vida, na realidade, se processa em arrancos e fugas, intermináveis e sucessivos, tornando-se ficção, mera ficção, que se confunde no tempo e no espaço. O que hoje me sucedeu é bem um sinal dessa luta interior. Eu ia, atento e presente, em busca de um bonde e de Jandira. Foi só ouvir uma sanfona, perdi o

bonde, perdi o rumo, e perdi Jandira.”

Belmiro, tendo o cego da sanfona mudado de esquina, prossegue a esmo, mas percebe que seus passos o levavam “*não para o cotidiano, mas para tempos mortos*”, onde irá encontrar a lembrança do amor perdido da juventude: “Desci a Rua dos Guajajaras com a alma e os olhos na Ladeira da Conceição, por onde, num bando alegre, passava Camila, tão leve, tão casta, depois da missa das nove, na igreja do Rosário.”

§ 6. CARNAVAL

Belmiro se indaga sobre a relação da frequência de suas anotações com as datas comemorativas, que abrem seu mundo para um maior, que o penetra e desequilibra: “Que tenho eu com os dias que a folhinha assinala? Há dois meses comecei a registrar, no papel, alguns fragmentos da minha vida, e noto agora que apenas o faço em dias especiais. [...] Os dias de festa coletiva, introduzindo o elemento multidão na minha esfera e propondo-me novos espetáculos ou novas sugestões, interrompem o equilíbrio do meu pequeno mundo[...].”

§ 7. A DONZELA ARABELA

É quarta-feira de cinzas, e Belmiro vai relatar coisa “extraordinária”. Descera à Avenida e, arrastado por um cordão de foliões, passara a ser parte da “onda humana, imensa”, engolfado por ela, afogado em confete, éter, bebida. “Dêem-me um jacto de éter perdido no espaço e construirei um reino”. É o passaporte para outro nível de errância. Vai aflorar, trazido pela “branca e fina mão” de Carmélia, o seu amor cortês por Arabela e o seu espírito de extemporâneo cavaleiro andante: “Pareceu-me que descera até mim a branca Arabela, a donzela do castelo que tem uma torre escura onde as andorinhas vão pousar. Pobre mito infantil”.

§ 8. O LUAR DE CARAÍBAS TUDO EXPLICA...

As notas abandonadas há “três ou quatro semanas”, o motivo “foi a moça do Carnaval”. A moça real fez voltar a moça morta, amor juvenil, e a donzela Arabela, mito infantil: “Tive noites difíceis, bebi algumas vezes e andei como um vagabundo pelas ruas. [...] Postava-me nos logradouros públicos, penetrando a multidão, não muito convicto, e contudo esperançoso. Muitas vezes entrevi uma figura gentil e fui, em vão, no seu encaixo.”

§ 9. AS VELHAS

Interrupção das notas por motivo de doença da irmã Francisquinha. Chegada de nova provisão de papéis, trazidos pelo contínuo da seção: “O timbre da Seção do Fomento encima estas páginas. Viva a Seção que me dá o pão e o papel.”

§ 10. UMA CASA, NUMA RUA

O acaso intervém, “ao voltar de uma visita de pêsames a um companheiro de Seção”, e faz revelar algo muito importante a Belmiro, o que pensava ser “uma casa” é “a casa” de “Arabela”, atualmente Carmélia, a donzela do Carnaval, que toma o lugar de Camila. Isto o faz descer do

bonde e voltar à Rua Paraibuna e depois seguir a pé para o Bar do Ponto, no Centro: “[...] havia, no jardim da casa, uma trepadeira a que, no sertão, chamamos dama-da-noite, por despontarem suas flores somente à noite e murcharem durante o dia. [...] E, dentro de casa, havia uma criatura que não vi, mas ouvi. Tinha uma voz celestial e cantarolava uma canção napolitana de que Camila também gostava: *Tuorna a Surriento*.”

§ 11. O AMANUENSE AMANDO ESTÁ

Assim se declara e pela primeira vez está em seu birô na Seção (do Fomento Animal da Secretaria da Agricultura, Indústria, Comércio e Trabalho). “Mal posso, na verdade, conter um movimento de ternura, quando contemplo, ao pôr do sol, o edifício grave, circunspecto, acolhedor, de nossa Secretaria [...]”.

Nesse ponto da narrativa, o autor sinaliza uma primeira interrupção. É quando Belmiro define que vai voltar a campear o amor, tendo sentido “um aroma de alto poder evocativo” e ouvido a canção imperativa: *Tuorna...* “Voltar, mesmo em dialeto estrangeiro, é palavra-chave no romance. E nada até então fora mostrado de Belo Horizonte.

Desde o início, a cidade é amorfa cartografia, onde vão sendo anotados pontos, encontros, percursos presentes e passados, feitos, vistos e ouvidos, imaginados e sonhados, todos sempre levando de volta a Vila Caraíbas. O sistema de ruas, embora muito recorrido pelo amanuense, terá apenas a serventia de levar a passear o pensamento por outras ruas e por outros tempos”, como faz a sua Rua Erê. Porém, não é nela que é dada a partida. O Parque é origem também da história de amor cortês e do percurso do “vagabundo lírico” em busca da donzela Arabela, do “castelo que tem uma torre escura”.

Lá pelas tantas, revela-se o Cavaleiro Andante: “Sofreia, amanuense, o corcel fogoso que contigo quer transpor esta janela, cruzar os ares e deixar-te em certo alpendre da Rua Paraibuna”. A janela é a do Palácio da Secretaria da Agricultura, na esquina da Rua Gonçalves Dias com Praça

da Liberdade, que se abre para a Rua Sergipe, e de onde Belmiro avista toda a Rua Paraibuna, hoje Professor Moraes.

A cidade é tomada como liça. “E o Cavaleiro da Triste Figura se pôs em marcha, pela sua Dulcineia”, rememora Belmiro, nome apropriado para um cavaleiro: “caminho pela cidade, em companhia de Carolino. Às vezes não encontro lugar que me sirva, e ando, ando sempre, como Judeu Errante”. O contínuo da Seção do Fomento Animal da Secretaria (de Agricultura, Indústria, Comércio e Trabalho), de adequado e carolín-gio nome, é escudeiro perfeito para o amanuense. “*Amigo Quixote, todos os cavaleiros andantes já se recolheram, e não há mais dulcineias*”.

Belmiro “cavalga” pelas ruas da cidade sem fazer caso das suas margens, como se andasse, sempre olhando em frente, por alguma das inumeráveis estradas coloniais que se ladeavam momentaneamente de



Cartografia de *O Amanuense Belmiro* (sobre Estado de Minas Geraes, Republica dos Estados Unidos do Brasil, Carta Phisica e Politica organizada pelo Serviço de Estatistica Geral da Secretaria da Agricultura, Industria, Terras, Viação e Obras Publicas, segundo a divisão administrativa e judiciaria vigente em 1930, Coleção José Diogo de Almeida Magalhães)



No alinhamento do Colégio Sagrado Coração de Jesus, o casario da Rua Paraibuna visto da janela da Secretaria de Agricultura

(BELLO HORIZONTE: Bilhete Postal, 1998, p. 118)

casas e seguiam, novamente estradas, sem casas. Desenvolve-se aqui uma cartografia, marcados seus deslocamentos e fatos ligados a eles. A cidade é apenas um propício sistema de vias.

Depois de uma terceira interrupção, entre o §33 e o §34, Belmiro faz a declaração de sua dialética: “As coisas não estão no espaço, leitor; as coisas estão é no tempo [...] e o tempo está é dentro de nós”.

§ 41. MATINADA

Belmiro está agora no topo do Morro dos Pintos (caixa d'água no Alto da Barroca). Pela primeira e única vez, de forma panorâmica e fulgurante, surge Belo Horizonte, e nela, recolhida, a sua transplantada, exilada gente: “Do alto da colina, contemplei Belo Horizonte, que apenas despertava. As cores, já vivas, do céu e a luminosa beleza da cidade feriram-me os olhos. Esses palácios e jardins e a majestade das avenidas e



Praça da Liberdade em 1934 (Museu Abílio Barreto)

praças situam Belo Horizonte fora dos quadros singelos de Minas. Dentro das casas mora, porém, o mesmo e venerável espírito de Sabarabuçu, Tejuco, Ouro Preto e de tantas outras vetustas cidades.”

§ 76. ORA, BOLAS

“Quem quiser fale mal da literatura. Quanto a mim, direi que devo a ela minha salvação. Venho da rua oprimido, escrevo dez linhas, torno-me olímpico”. Não seria essa a solução para a discussão no Bar do Parque, que o amanuense cortou com a proposta de deixá-lo e desviou com as grandes voltas de sua perambulação pela invisível cidade em busca do amor propositadamente unilateral e impossível para chegar ao beco sem saída da Rua Erê? Belmiro olha a cidade do presente, a do futuro e vê as do passado, que a compuseram com suas valorosas gentes. O romance, e o romance no romance, nessa altura, está para acabar, de volta ao Parque, origem de tudo, fim da jornada, fim do amor cortês, fim do romance de cavalaria: “Já próximo do portão que dá para a Avenida, quase fui apinhado por um carro, que vinha veloz. [...] Ouvi risos por detrás do pára-brisa. Eram Carmélia e Jorge. [...] Era um carro grande de ricos, e trazia placa de Berlim. [...] Já não é donzela, nem Arabela.”

§ 94. ÚLTIMA PÁGINA

Restando-lhe apenas o escudeiro, que ainda insiste em lhe trazer papéis timbrados quando “não há mais por escrever”, o cavaleiro vai depor sua arma, a pena, e se recolher. Depois, apenas o sonho do que está extra-muros, *extra-mundus*.

Não se pode saber se voltou atrás quanto à escrita; infere-se que sim, havia certo gozo na sonegação. Quanto ao autor, continuou, “olímpico”, a escrever.

Com os outros três romances, *O Amanuense Belmiro* evidencia o impacto que a cidade provocou nos autores, sintoma do que na certa terá provocado de forma ampla na população sem recurso para expressar-se— impacto esse sempre associado ao Estado: na passagem do século XIX para o XX, Avelino Fóscolo construiu a Capital fantasmagórica; na primeira metade do século XX, Moacir Andrade a tornou volátil, só voracidade estatal; João Alphonsus a fixou como artifício. Cyro dos Anjos a reduziu a exílio, a caminhos de busca. E declarou a literatura como salvação. Dos quatro, *O Amanuense Belmiro* é o único que tem como solução, em vez de morte súbita, pano rápido. A perda é tão só a do sentido da existência, a ser recuperado com a literatura. Nada é por acaso nessa obra de Cyro dos Anjos, tampouco. Esta é a tarefa do romance moderno: urdir o sentido perdido da vida ao reconstituí-la de modo aparentemente coeso, apropriável pelo leitor. Criar mundo onde não há mais. Problematicar, interrogar. É o que faz o amanuense dirigindo-se

ao escudeiro, de nome arrancado, como tudo no romance, ironicamente ao medievo: “Que faremos, Carolino amigo?” Certo é que prosseguiram, autor e personagens, seguidos por tantos outros até hoje empenhados na construção da cidade literária siamesa de Belo Horizonte, inaugurada com a resistência alerta e contundente do anarquista Avelino Fóscolo.

BEATRIZ DE ALMEIDA MAGALHÃES

mineira de Ouro Fino, é bacharel em Artes pela UEMG e em Arquitetura pela UFMG, por onde também é doutora em Letras. Publicou *Sentimental com filtro* (2003) e *Caso oblíquo* (2009) pela Editora Autêntica. Este texto foi extraído de sua tese de doutorado *Poetopos: cidade, código e criação errante*, defendida em 2008 na Faculdade de Letras da UFMG.

IRONIA

NATHALIA CAMPOS

Se o poema escapa,
são as palavras que me desaprendem.
Me rondam, confusas e estrídulas,
como damas de companhia de uma rainha exótica.
Me tocam por todas as partes,
me provam lágrima e sexo,
descobrem a maquinaria silenciosa dos órgãos –
púrpura, vermelho e Dionísio garganta adentro.
Procuram me ler a dessemelhança tranquila das mãos,
as veias, escritas sob a pele
em insuspeitado alfabeto,
e as linhas que riscam este templo no espaço.
Sou seu livro de cabeceira
enquanto nos destinar,
em mútuo contrato,
a eternidade provisória.
Enfim me perguntam
– as palavras –
e sem me saber
gritam,
incrédulas.
Sob a luz opaca das ciências ocultas,
repetem meu nome,
e ele é Silêncio.

NATHALIA CAMPOS

é poeta e ensaísta, mestre em Teoria da Literatura e Literatura Comparada pela UFMG. Seu livro, *Desinfinito*, é ainda inédito.

